

JUVENTUDE na Luta de Libertação e Além

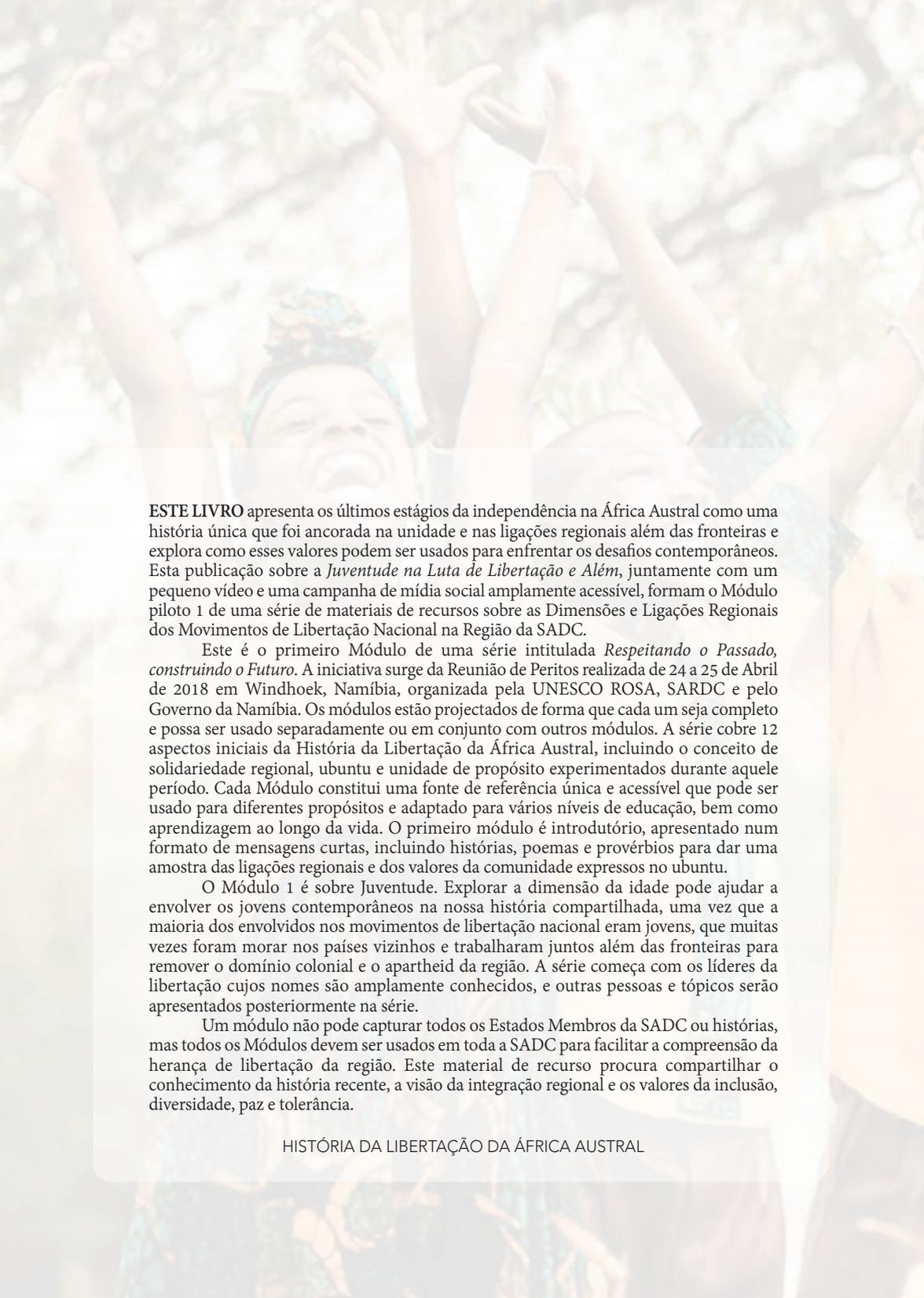


RESPEITANDO O PASSADO, CONSTRUINDO O FUTURO
Módulo 1



Dimensões e Vínculos Regionais dos
MOVIMENTOS DE LIBERTAÇÃO NACIONAL NA REGIÃO DA SADC





ESTE LIVRO apresenta os últimos estágios da independência na África Austral como uma história única que foi ancorada na unidade e nas ligações regionais além das fronteiras e explora como esses valores podem ser usados para enfrentar os desafios contemporâneos. Esta publicação sobre a *Juventude na Luta de Libertação e Além*, juntamente com um pequeno vídeo e uma campanha de mídia social amplamente acessível, formam o Módulo piloto 1 de uma série de materiais de recursos sobre as Dimensões e Ligações Regionais dos Movimentos de Libertação Nacional na Região da SADC.

Este é o primeiro Módulo de uma série intitulada *Respeitando o Passado, construindo o Futuro*. A iniciativa surge da Reunião de Peritos realizada de 24 a 25 de Abril de 2018 em Windhoek, Namíbia, organizada pela UNESCO ROSA, SARDC e pelo Governo da Namíbia. Os módulos estão projectados de forma que cada um seja completo e possa ser usado separadamente ou em conjunto com outros módulos. A série cobre 12 aspectos iniciais da História da Libertação da África Austral, incluindo o conceito de solidariedade regional, ubuntu e unidade de propósito experimentados durante aquele período. Cada Módulo constitui uma fonte de referência única e acessível que pode ser usado para diferentes propósitos e adaptado para vários níveis de educação, bem como aprendizagem ao longo da vida. O primeiro módulo é introdutório, apresentado num formato de mensagens curtas, incluindo histórias, poemas e provérbios para dar uma amostra das ligações regionais e dos valores da comunidade expressos no ubuntu.

O Módulo 1 é sobre Juventude. Explorar a dimensão da idade pode ajudar a envolver os jovens contemporâneos na nossa história compartilhada, uma vez que a maioria dos envolvidos nos movimentos de libertação nacional eram jovens, que muitas vezes foram morar nos países vizinhos e trabalharam juntos além das fronteiras para remover o domínio colonial e o apartheid da região. A série começa com os líderes da libertação cujos nomes são amplamente conhecidos, e outras pessoas e tópicos serão apresentados posteriormente na série.

Um módulo não pode capturar todos os Estados Membros da SADC ou histórias, mas todos os Módulos devem ser usados em toda a SADC para facilitar a compreensão da herança de libertação da região. Este material de recurso procura compartilhar o conhecimento da história recente, a visão da integração regional e os valores da inclusão, diversidade, paz e tolerância.



MÓDULO 1

Dimensões Regionais e Vínculos dos

MOVIMENTOS DE LIBERTAÇÃO NACIONAL NA REGIÃO DA SADC

RESPEITANDO O PASSADO, CONSTRUINDO O FUTURO



JUVENTUDE na luta de libertação e além

Patrono do Projecto

Excelentíssimo Professor Peter Hitjitevi Katjavivi
Presidente da Assembleia Nacional da Namíbia

Publicado sob a direcção do
Professor Hubert Gijzen, Diretor Regional e Representante
Escritório Regional da UNESCO para a África Austral
E sob a coordenação de Phinith Chanthalangsy
Chefe de Unidade de Ciências Sociais e Humanas, UNESCO

Com os seguintes parceiros:
Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC)
Centro Documentação e Pesquisa para a África Austral (SARDC)

Quanto mais para trás você olhar, mais à frente você provavelmente verá...
provérbio africano

Organização das Nações Unidas para a Ciência, Educação e Cultura (UNESCO)
Escritório Regional para a África Austral (ROSA)
8 Kenilworth Road, Newlands, P.O. Box HG 435, Highlands, Harare, Zimbábue
Tel: (+263 242) 776775/9 E-mail Harare@unesco.org Website www.unesco.org

Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC)
SADC House, Private Bag 0095, Gaborone, Botswana
Tel (+267) 3951863 Email Registry@sadc.int Site www.sadc.int

Centro de Documentação e Pesquisa para a África Austral (SARDC)
Julius K. Nyerere House, 15 Downie Avenue, Belgravia, Box 5690, Harare, Zimbábue
Tel (+263 242) 791141 E-mail sardc@sardc.net history@sardc.net
Site www.sardc.net Conhecimento para o Desenvolvimento

© UNESCO, SADC, SARDC
Fotos, ilustrações e conteúdo citado como creditado

ISBN 978-1-77929-558-3

Citação. SARDC. 2021. *Juventude na Luta de Libertação e Além*. Respeitando o Passado, construindo o Futuro Módulo 1. As Dimensões Regionais e os Vínculos dos Movimentos de Libertação Nacional na Região da SADC. SADC, SARDC, UNESCO. Harare, Gaborone

As designações usadas e a apresentação do material ao longo desta publicação não implicam necessariamente a opinião da UNESCO, SADC ou SARDC, sobre a situação legal de qualquer país, território, cidade ou área de suas autoridades, ou sobre a delimitação das suas fronteiras ou limites.

As ideias e opiniões expressas nesta publicação são da inteira responsabilidade dos autores e não necessariamente da UNESCO, SADC ou SARDC e não comprometem a Organização.

Código de Referência da UNESCO (HAR/SHS/2021/5)



CONTEÚDO

Prólogo	4
Prefácio	6
Introdução	7
Juventude na luta de libertação e além	8
Minha geração, tua geração	9
Refúgio da Paz – Dar es Salaam	12
Uma viagem do oeste	14
Uma viagem do leste	16
Moçambique	17
Zâmbia	18
TaZaRa	19
Zimbabwe	20
Angola	21
23 de Março Dia da Libertação	27
Namíbia	28
Botswana, Eswatini, Lesotho	32
Apartheid	33
África do Sul	36
Lilliesleaf para Soweto	36
Global, Regional	38
guerra dos anos 80	40
palestras dos anos 1990	41
Comité de Libertação da OUA	43
A África que queremos, visões da juventude	44

A liberdade que desfrutamos hoje é uma das muitas conquistas das quais todos podemos nos orgulhar como região. Devemos nos esforçar para garantir que a nossa única história de libertação não seja esquecida. Para conseguir isso, é importante que os Estados Membros incorporem a história da libertação da África Austral no currículo escolar, para que os nossos jovens e as gerações futuras apreciem os sacrifícios daquela geração de jovens homens e mulheres que nos libertaram do colonialismo e do apartheid.

A relevância da história hoje que nos fala sobre a nossa coesão e identidade compartilhadas está enraizada na nossa cultura de comunidade compartilhada, levando-nos a uma compreensão mais profunda de como os líderes da libertação trabalharam juntos como um, além das divisões das fronteiras nacionais. Se pudermos ensinar e aprender esta história, avançaremos rumo à coesão social e a uma identidade regional fortalecida, na resistência à discriminação e à xenofobia.

Enquanto celebramos a nossa libertação, devemos nos comprometer com a nossa visão compartilhada de um futuro comum que assegure o bem-estar económico, a melhoria do padrão e da qualidade de vida, a liberdade e a justiça social, a paz e a segurança de nosso povo. Vamos cooperar e nos mover em Unidade, todos têm um contributo nisso.

A jornada em direção à integração económica e ao desenvolvimento na África começou na visão de longo prazo dos líderes e do povo africano e no seu compromisso apaixonado para com a liberdade, unidade e prosperidade. A SADC tomou várias iniciativas importantes para homenagear os homens e mulheres que sacrificaram as suas vidas pela libertação da nossa região, bem como o espírito de união que existiu entre os Estados Membros, permitindo a criação desta comunidade regional.

Os líderes da SADC decidiram em 2018 endossar o dia 23 de Março como um dia a ser comemorado anualmente para celebrar a libertação da África Austral – o Dia da Libertação da África Austral. A SADC também estabeleceu um mecanismo para homenagear os fundadores da nossa organização regional através de vários meios de destacar os seus perfis nas nossas vilas e cidades, e aprender sobre as suas conquistas na nossa história.



Dra. Stergomena Lawrence Tax

Devemos muito aos nossos Fundadores, nós os perdemos agora, mas o seu legado continua vivo, que suas almas descansam eternamente em paz.

À medida que ensinamos e aprendemos esta história, façamos um bom uso das publicações da SADC da autoria de Hashim Mbita. Esta é a única publicação que documentou de forma abrangente as lutas de libertação da África Austral, incluindo as dimensões e ligações nacional, regional e continental, bem como o apoio internacional.

A SADC publicou os livros resultantes do Projecto Hashim Mbita sobre as Lutas de Libertação da África Austral, para preservar a história recente da África Austral e gerar consciência sobre a libertação africana. Esta extensa publicação de nove volumes foi lançada em Agosto de 2014 nos seus idiomas originais e recentemente traduzida integralmente para inglês, francês e português. Isso permite que as pessoas da região, e especialmente os jovens, entendam e apreciem a história compartilhada de libertação, promovendo assim a coesão social e a identidade regional.

A reunião do Conselho de Ministros da SADC, realizada em Agosto de 2017, aprovou a inclusão da História da Libertação da África Austral (SALH) no currículo escolar e solicitou aos Ministros da Educação que operacionalizassem a decisão, para permitir que as gerações mais jovens aprendessem sobre a herança da libertação e promovessem a coesão social através de uma compreensão mais profunda dos valores e unidade em que os países e pessoas trabalharam juntos e fizeram sacrifícios uns pelos outros para apoiar a liberdade.

A UNESCO e o Centro de Documentação e Pesquisa para a África Austral (SARDC) facilitaram uma reunião de especialistas em história regional em Abril de 2018, organizada pelo Governo da Namíbia, para discutir o desenvolvimento de materiais de recursos em parceria com a SADC. Uma fase piloto começou ao abrigo de um programa sobre o Patrimônio dos Movimentos de Libertação Nacional (NLM), com foco nas dimensões regionais e ligações dos movimentos de libertação nacional, para gerar consciencialização e ferramentas educacionais para sustentar o conhecimento sobre o movimento de independência em toda a região e a coesão compartilhada entre as pessoas além das fronteiras.

O objectivo é usar a rica história regional da emergência do colonialismo e do apartheid para enfrentar os desafios contemporâneos de xenofobia e discriminação e promover o diálogo intercultural e a educação cívica entre os jovens da região, ao mesmo tempo em que incentiva pessoas de todas as idades a recuperar e explorar a conhecimento da sua história comum e compartilhada, fortalecendo e consolidando a integração regional. Cada módulo é uma fonte de referência exclusiva composta por um pequeno vídeo, uma brochura ilustrada para uso impresso e online e mensagens de mídia social. Os módulos são introdutórios e podem ser usados para diferentes propósitos e adaptados para todos os níveis de ensino, incluindo primário, secundário e superior, bem como para os jovens que se encontram fora da escola e aprendizagem ao longo da vida.

O Módulo piloto 1 sobre Juventude na Luta de Libertação é o primeiro passo de uma série destinada a desenvolver material de apoio numa perspectiva regional, concebido de forma a que cada módulo possa ser utilizado separadamente ou em conjunto com os outros módulos, em vários formatos, com temas inter-relacionados. Explorar a dimensão etária pode ajudar a envolver a juventude contemporânea na nossa história compartilhada, já que a maioria dos envolvidos nos movimentos de libertação nacional também eram jovens. O vídeo do Módulo 1 foi apresentado ao Conselho de Ministros da SADC em Agosto de 2019 e teve uma apreciação entusiástica.

O Módulo 2 sobre ensino e aprendizagem da história da libertação está em produção, na sequência de uma revisão curricular realizada pelo Secretariado da SADC e pelo Escritório Regional da UNESCO para a África Austral com os Estados Membros da SADC. A iniciativa visa apoiar os Estados Membros nos seus esforços para proporcionar aos alunos uma apreciação e compreensão da herança regional compartilhada, solidariedade e vínculos. Posso encorajar os Estados Membros a acelerar a inclusão da História da Libertação da África Austral no currículo escolar para o benefício das actuais e futuras gerações.

Um relatório resumido foi lançado em Maio de 2021, com base nisso, através de um processo consultivo, o Secretariado da SADC elaborou um roteiro para a integração da História da Libertação da África Austral e da Educação para a Cidadania Global no currículo escolar dos Estados Membros da SADC, e o Roteiro foi aprovado pelos Ministros da SADC responsáveis pela Educação e Formação, Ciência, Tecnologia e Inovação em Junho de 2021, solicitando à UNESCO e outros parceiros que apoiassem o Grupo de Trabalho Regional e os Estados Membros a este respeito. Quero agradecer aos nossos parceiros nesta iniciativa pelo seu apoio contínuo à promoção dos programas da SADC.

E quero encerrar com uma declaração que acho que ilustra a ligação do nosso passado, presente e futuro. Sua Excelência Presidente Festus Mogae, do Botswana, fez esta declaração quando organizou o 25º aniversário da SADC em 2005:

“A nossa Comunidade é mais do que um agrupamento político, tem um passado e um futuro cujas raízes se encontram nos movimentos de libertação e nos Estados da Linha da Frente. Mas, mais fundamentalmente, eles são revelados nos corações e almas dos nossos orgulhosos filhos e filhas da terra que estiveram unidos na sua insistência para que a região fosse transformada em algo novo e diferente...”



Os ideais e princípios dos Movimentos de Libertação Nacional na África Austral falam ao nosso actual tempo de várias maneiras. As aspirações de Liberdade, Não Discriminação e Solidariedade estiveram no centro desta História; e ainda hoje, continuamos a ser inspirados e guiados por estes princípios, de forma a tornar as nossas sociedades um lugar melhor para as actuais e futuras gerações. Os Movimentos de Libertação Nacional representam um Património vivo e activo, que oferece oportunidades para promover a inclusão, a diversidade cultural e a educação cívica na Região e fora dela.

Com a intenção de aprender com o passado e compartilhar a Herança da Libertação com os jovens de hoje, a UNESCO se orgulha de lançar este recurso educacional, que é o primeiro de uma Série de 12 Módulos. Estes módulos foram desenvolvidos em estreita colaboração com o Centro de Documentação e Pesquisa para África Austral (SARDC) e em parceria com a Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC).

Este Módulo 1 é dedicado à Juventude na Luta de Libertação, e liga o passado ao futuro, envolvendo a juventude contemporânea, uma vez que a maioria dos envolvidos no Movimento de Libertação Nacional eram jovens. Este módulo transmite uma mensagem clara aos jovens, que a História tem sido diferente, e nos ensina sobre o poder da Unidade e Solidariedade entre os povos desta região. A circulação das pessoas, sobretudo dos jovens entre os países, e o sentido de Unidade e Solidariedade foram essenciais na conquista da Liberdade; vamos aprender com isso agora e no futuro.



Prof. Hubert Gijzen

Esta importante iniciativa faz parte do programa Património dos Movimentos de Libertação Nacional (NLMH), que a UNESCO desenvolveu em colaboração com a SADC e SARDC. Baseia-se nos programas da UNESCO relacionados com a Inclusão Social e Anti-discriminação, Juventude e a principal publicação sobre a História Geral de África. Estas iniciativas visam apoiar a integração regional, a inclusão social e as sociedades pacíficas, fomentando a reflexão crítica, o debate e o envolvimento cívico em torno dos ideais deste Património.

Os materiais de recurso baseiam-se e usam fontes de referência exclusivas, incluindo vídeos, mídia social e formatos impressos, que são acessíveis para os jovens no ensino primário, secundário e superior, bem como por jovens fora da escola.

Este Programa do NLMH pode ajudar a enfrentar a potencial perda de conhecimento e compreensão sobre este importante capítulo da História recente e da Memória colectiva da Região. Agora é a hora de aproveitar as conquistas significativas alcançadas no desenvolvimento regional e na cooperação. Isso também ajudará a enfrentar o surgimento prejudicial de uma síndrome de “nós e eles” a nível subnacional, resultando em xenofobia, intolerância e danos à coesão social.

É nossa esperança que os jovens e educadores sejam inspirados pelo primeiro Módulo e pelo Programa do NLMH como perspicaz, útil e inspirador. Estou convencido de que fornecerá uma orientação útil no cumprimento das suas aspirações de viver em sociedades caracterizadas pela valorização da diversidade humana, livre troca de ideias, interação, tolerância e solidariedade.

Professor Hubert Gijzen
Director Regional e Representante
Escritório Regional da UNESCO para a África Austral

Esta publicação sobre a Juventude na Luta de Libertação e Além destaca as dimensões e as ligações regionais significativas dos movimentos de libertação nacional na África Austral. Mostra que a conquista da independência política foi bem coordenada através da solidariedade regional, bem como do apoio do continente e da comunidade internacional.

Este é o Módulo 1 de uma série intitulada Respeitando o Passado, construindo o Futuro, que enfatiza o lugar da história no desenvolvimento regional, ilustrando que aqueles que libertaram a região do domínio colonial não trabalharam isoladamente para alcançar o seu objectivo. Muitos deles eram jovens adultos e os jovens de hoje podem aprender com essas experiências na actual luta pelo desenvolvimento económico e pela igualdade.

Não podemos perder o conhecimento desta solidariedade e colaboração na conquista da independência política em toda a região. Com nossa história compartilhada e esforços comuns em mente, podemos ser inclusivos nos nossos empreendimentos e contribuir de forma significativa e bem-sucedida para o desenvolvimento regional e a cooperação em toda a região.

Esta publicação resulta de uma iniciativa do Escritório Regional da UNESCO para a África Austral (ROSA) intitulada Programa do Património dos Movimentos de Libertação Nacional: Usando a História de Libertação para Promover a Inclusão e Diversidade Cultural e Educação Cívica na Região da SADC. A iniciativa foi desenvolvida por Especialistas em História da região numa reunião realizada nos dias 24 a 25 de Abril de 2018, em Windhoek, Namíbia. Este foi o primeiro passo para o lançamento de um programa regional sobre o Património dos Movimentos de Libertação Nacional (NLM), no sentido da recolha, preservação e ensino sobre este importante período conducente à independência da África Austral e à formação de uma comunidade regional, a Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC).

A Reunião de Especialistas em História foi realizada no Parlamento da Namíbia e recomendou a produção de módulos precisos, acessíveis e fáceis de usar. Estes destinam-se a fornecer material de recurso para o sistema de educação formal e não formal na região, incluindo a educação de adultos, bem como factos acessíveis para funcionários do governo, parlamentares, mídia, institutos de pesquisa e acesso público.

Os módulos melhorarão o ensino e a aprendizagem da história, património e valores dos NLM através da disponibilização de documentos bem ilustrados acessíveis em várias plataformas. Cada módulo inclui uma publicação impressa, um pequeno vídeo e mensagens da mídia social.

A UNESCO ROSA, em colaboração com a Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC) e o Centro de Documentação e Pesquisa para a África Austral (SARDC), realizou um trabalho louvável na produção deste módulo piloto, que fornece uma base sólida para uma série de módulos em pelo menos 12 assuntos relacionados.

Espero que este Módulo Piloto 1, incluindo o vídeo e a campanha de mídia social, capacite os jovens da África Austral a se apropriarem do seu passado compartilhado e a trabalharem juntos em direcção a um futuro comum. Espero que este material rico e bem elaborado estimule o debate e o engajamento dos jovens e promova significativamente a inclusão, os valores comuns, a diversidade cultural, uma cultura de paz e tolerância para o bem de nossa região.



Excelentíssimo Professor Peter Katjavivi
Patrono do Projecto

Excelentíssimo Professor Peter H. Katjavivi
Presidente da Assembleia Nacional da Namíbia
Presidente do Conselho de Administração da SARDC



As Dimensões e os Vínculos Regionais dos

MOVIMENTOS DE LIBERTAÇÃO NACIONAL NA REGIÃO DA SADC

RESPEITANDO O PASSADO, CONSTRUINDO O FUTURO

A JUVENTUDE na luta de libertação e além

No início aconteceram muitas coisas, antes de você nascer, que tiveram um impacto na tua vida. A história tem um grande impacto na tua vida, mesmo que tenha acontecido antes de surgires neste mundo.

Uma das coisas boas da História é que alguns dos grandes obstáculos foram já superados pelos outros. Então você tem novos desafios. Mas você também tem novas ferramentas. E o teu desafio é contribuir para melhorar a sociedade e deixá-la num lugar melhor do que este que você encontrou, para a próxima geração, para os seus filhos e para os filhos deles. Eles irão olhar para isso como História. Como é que você quer ser recordado?

A história é o estudo da experiência humana no espaço e no tempo, mostrando como o passado informa o futuro e oferece estas oportunidades que você tem hoje. Esta viagem pelas dimensões e vínculos regionais dos Movimentos de Libertação Nacional destina-se a dar-lhe o acesso ao passado recente na África Austral e as aspirações e os valores comuns além-fronteiras. Através da compreensão do passado, podemos moldar o nosso futuro comum. O presente depende de ti.

É bastante desafiante uma geração compreender as prioridades e perspectivas de outra geração, porque ela tomou certas decisões e valores que a guiaram, os toques que elas seguiram. Existe um provérbio indígena das Américas que diz:

Tu não compreendes a decisão da outra pessoa até que caminhaes com os teus próprios mocassins (sapatos).

Há duas gerações atrás, a maior parte da África Austral estava ainda sob o domínio colonial externo, e o racismo era sistemático. Não havia democracia, governos representativos ou eleições maioritárias, e o acesso à educação, ao emprego e terras aráveis era restrito e determinado pela raça. A maioria da população não tinha permissão para votar e as mulheres eram legalmente menores de idade e não podiam fazer acordos por si mesmas ao abrigo da Lei. Percorremos um longo caminho.

Aquela geração de jovens nascidos na África Austral no final do século 20, nas décadas de 1940, 1950 e 1960 tomou a decisão de sair e lutar pelo seu país, pela igualdade e pelas regras da maioria, e para o acesso à terra e à educação. Ela foi apoiada pelos líderes africanos que criaram a Organização da Unidade Africana, agora União Africana, e o seu Comité de Libertação.

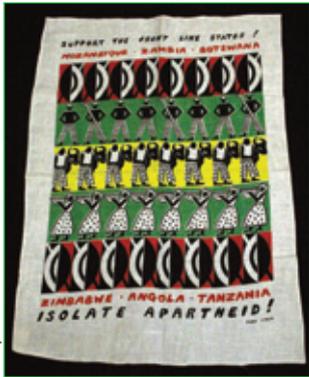
Os seus desafios eram a independência política, direitos humanos e dignidade, e eles acabaram superando esses desafios através da sua coragem, determinação e dedicação, até que todos os países da África Austral reconquistassem o direito de governar a si mesmos e permitir que os seus filhos (você) crescessem em liberdade, com novas oportunidades.

Os seus desafios eram a liberdade africana para reconquistar a terra e o direito de participar, votar e estudar. A brutalidade e a falta de direitos humanos associados ao período colonial são difíceis de serem compreendidos pelas crianças do século 21 na África Austral de hoje, cujos desafios são económicos, relacionados ao bem-estar e motivação, transporte, infraestruturas, tecnologia, mídia social, vídeos, cidades e lugares rurais, comunicação instantânea... e aquelas fronteiras nacionais que nos separam de amigos e familiares no que dizem ser outro país.

*Os mais velhos veem e calam-se, mas ver e falar
são sinais dos jovens... Provérbio africano*

Minha geração, tua geração

Quando começamos a discutir este assunto, fiquei aborrecido no início, porque nós, mais velhos, conversávamos com os jovens sobre a sua história e sobre a maneira como outros jovens como eles atravessaram as fronteiras para lutar pelas suas terras há apenas duas gerações, e sobre como aqueles jovens de outrora nos libertaram do colonialismo e da dominação para desfrutarmos das liberdades que temos hoje; e os jovens de hoje não sabiam bem do que falávamos porque estava fora da sua experiência e aprendizagem, e nem as escolas nem os pais ofereciam-lhes esta informação, por isso falavam-nos de “xenofobia, xenofobia” até nos cansarmos de ouvir sobre isso. Estávamos todos conversando uns com os outros sobre a discriminação e a exclusão, mas estávamos usando palavras e experiências diferentes que os outros não entendiam...



Anti-Apartheid Movement

Então conversamos, conversamos, conversamos bastante sobre as pessoas que atravessavam as fronteiras no período colonial, sobre a luta de libertação e as actuais barreiras erguidas agora. Essas discussões conseguiram ligar o círculo da luta contra o colonialismo e pela independência, terra, educação, dignidade e liberdade à actual luta pela economia, emprego, educação, oportunidades de negócios, comércio, turismo e movimento de pessoas através das fronteiras. Ficou claro para todos nós que, embora a independência política tenha sido conquistada, os desafios actuais têm raízes económicas e não são mais baseados na discriminação pela cor da pele, mas pelas fronteiras nacionais em África. Irmãos e irmãs além de uma fronteira artificial não se sentem mais parte da mesma família.



Schönheit & Schönheit

Essas fronteiras foram delineadas num mapa, na Europa, em 1885, e impostas para garantir o controlo sobre as colónias e os recursos minerais, agrícolas e humanos. O advento do colonialismo fez com que a África fosse percebida como uma mera parcela que seria facilmente dividida entre as “grandes potências”. As fronteiras artificiais continuam a ser um factor, uma cicatriz que está lentamente a ser curada através da integração regional, rumo à unidade africana.



#ALutaContinua

Entrevista com Cheryl, uma jovem de 24 anos

P O que você sabe sobre história?

Cheryl Aprendi muito na semana passada. Eu tenho lido, mas antes disso acho que devo apenas dizer que não sabia de nada. Aprendi sobre a história da África do Sul, mas não foi através do assunto da história em si. Foi através dos estudos sociais e das artes e da cultura. Portanto, a única história que realmente posso dizer que conheço é o apartheid.

P O que significa *luta contínua* para você?

Cheryl Agora entendi o significado depois de assistir ao vídeo de Samora Machel naquele dia. Eu costumava ouvir que a luta deve continuar, mas não era profunda. Não se tratava de pessoas lutando contra a opressão, pessoas lutando contra a colonização. Eu não sabia o significado mais profundo disso.

P E o que devemos fazer sobre isso?

Cheryl Unidade, porque foi isso que ele fez, e o que eles estavam tentando alcançar foi alcançado. Sinto que precisamos de nos unir como jovens porque ele era jovem naquela época.

P Como eles podem ser mobilizados para fazer isso e o que você pode fazer sobre isso?

Cheryl Mídia social. Posso fazer uma publicação agora. Se todos os jovens pudessem descobrir as informações que descobri na semana passada, acho que suas perspectivas mudariam sobre muitas coisas. Muitas pessoas acham que é melhor estar num pedestal empurrando outra pessoa para baixo. Então essa é uma ideia que precisa de ser tirada da nossa geração porque é algo que está aí.

"A história é... um diálogo entre o presente e o passado."

Ubuntu/Hunhu/Utu

O termo enfatiza a importância de um grupo ou comunidade e encontra uma expressão clara na frase Nguni umuntu ngumuntu ngabantu (uma pessoa é uma pessoa através de outras pessoas). Esta é uma filosofia comum associada com línguas e culturas africanas, a alma e a identidade do povo africano e uma base estética da identidade africana e da humanidade.

Ubu-ntu Hu-nhu Bumuntu Vumuntu Gimuntu Motho Umuntu Utu

O espírito do Ubuntu que caracteriza as línguas e a cultura da África é o fundamento de uma compreensão de um destino comum e de valores comuns.

Ouvimos o eco de **Patrice Lumumba**, herói corajoso do Congo:

“Quero que os meus filhos, que deixo para trás e talvez nunca mais os veja, ouçam que o futuro do Congo é lindo e que o seu país espera deles, como espera de todos os congolese, o cumprimento da tarefa sagrada de reconstruir nossa independência, nossa soberania... A unidade e a solidariedade africanas não são mais sonhos. Elas devem ser expressas nas decisões”.

Carta a Pauline Lumumba, Dezembro de 1960. ... “A África escreverá a sua própria história e, tanto no norte como no sul do Saara, será uma história cheia de glória e dignidade.”



Patrice Lumumba

National Archives, The Netherlands

O nacionalista angolano e sobrevivente da luta do 4 de Fevereiro, **José Pedro Van Duném**, exortou quinta-feira, em Luanda, aos jovens a preservarem e a sentirem-se inspirados pelos ideais que guiaram o povo angolano na luta de libertação, que culminou na conquista do estatuto nacional independência. O dia 4 de Fevereiro de 1961 marcou o início da luta armada em Angola, terminando com a proclamação da independência nacional a 11 de Novembro de 1975.



José Pedro Van Duném

Angop

SExcia Netumbo Nandi-Ndaitwah. “Estou realmente encorajando aos jovens que devemos estar focados. Isso é muito, muito importante. Você não faz as coisas por qualquer apreciação. Você faz as coisas porque acredita que é a coisa certa a fazer.

Quando participei da luta de libertação através da Swapo, o objectivo era libertar o país. Por isso estou tão feliz, estou satisfeita que a Namíbia seja hoje independente... E o povo da Namíbia pode agora decidir sobre o seu próprio destino.”



SExcia. Netumbo Nandi-Ndaitwah

Nampya

Josiah Magama Tongogara, Comandante das forças de libertação ZANLA: “Costumávamos a atirar pedras uns contra os outros em Salisbúria (Harare). Não podemos passar isso para nossos filhos. Estamos indo embora e devemos deixar um Zimbabwe estável para a nova geração. ... Vamos ter um Zimbabwe realmente unido. Não quero ver os meus filhos atirando pedras nessas divisões menores. Acho que vão se rir de mim porque eu fiz isso.”



Josiah Magama Tongogara

JMT Legacy Foundation

Refúgio da Paz ————— Dar es Salaam

Dar es Salaam era o lugar para onde os jovens queriam ir... ao norte, para Dar es Salaam, “o refúgio da paz”, em Tanganica, o lugar da liberdade e da unidade – uhuru na umoja na língua lírica de KiSwahili, ela própria uma língua de unidade à medida que crescia a partir das raízes de várias outras línguas.

Independente desde 9 de Dezembro de 1961, mas não realmente, porque todos os países vizinhos estavam ainda sob o domínio estrangeiro de potências e colonos europeus, como colônias, portanto, domínio “colonial”.

Naqueles primeiros meses de liberdade provisória, Julius Nyerere tinha 39 anos. Seu nome Kambarage significa “o espírito que traz chuva” porque uma chuva forte caiu quando ele nasceu. Seu nome Nyerere foi dado a seu pai Burito, que era o chefe Zanaki, nascido no ano em que surgiram as lagartas. Nyerere, o mais jovem, foi batizado como Julius enquanto ainda estava na escola, onde os alunos tinham que usar nomes europeus para o baptismo. Ele lia Júlio César, de Shakespeare, que mais tarde traduziu para o KiSwahili.

Julius Kambarage Nyerere presidiu a União Nacional Africana de Tanganica (TANU), tornando-se primeiro-ministro na independência e presidente um ano depois, em Dezembro de 1962. Durante 1962, enquanto se mobilizava por todo o país discutindo as mudanças trazidas pela independência, o seu vice Rashidi Mfaume Kawawa serviu como primeiro-ministro. A terra do Monte Kilimanjaro, que foi governada pela Alemanha e depois pela Grã-Bretanha por 80 anos, ferozmente resistida pelas comunidades africanas locais, agora seria novamente governada pelos africanos. Julius Nyerere foi o primeiro tanzaniano a frequentar uma universidade britânica (Edimburgo), graduando-se em 1952 com um Mestrado em Economia e História.

Nyerere, conhecido como *Mwalimu*, o professor, fez uma declaração eloquente e apaixonada ao Conselho Legislativo em 1959, dois anos antes da independência, quando disse:



National Archives, The Netherlands



Tanganica 9 de Dezembro de 1961 União com Zanzibar 26 de Abril de 1964



“Nós, o povo de Tanganica, gostaríamos de acender uma vela e colocá-la no topo do Monte Kilimanjaro, que brilharia além das nossas fronteiras, dando esperança onde há desespero, amor onde há ódio, e dignidade onde antes havia apenas humilhação.”

Este foi o seu compromisso de que Tanganica independente (mais tarde unida a Zanzibar para formar a República Unida da Tanzânia) apoiaria totalmente a libertação dos países africanos do colonialismo e do apartheid. Ele acreditava que, sem a liberdade do continente, o seu próprio país não seria livre. Diz-se que ele “carregou a tocha que libertou a África”.



Mwenge wa Uhuru, a Tocha da Liberdade foi colocada no topo do Monte Kilimanjaro no Dia da Independência, como um símbolo de liberdade. Uma tocha é transportada anualmente pelo país na Uhuru Torch Race, com mensagens de paz e unidade.



Assim, os jovens da África Austral queriam ir lá para ver como era a independência, respirar a liberdade e escapar do regime racialmente opressor e discriminatório nas colônias, onde não podiam votar, nem entrar no parlamento, nem ter acesso à terra, e onde os seus pais foram expulsos das suas terras, alienados da liderança, das relações sociais e culturais e da educação.

Nyerere e Kwame Nkrumah do Ghana (1957), com o Imperador da Etiópia e outros líderes de 32 países africanos independentes, criaram a Organização da Unidade Africana (OUA) e aceitaram o convite do Imperador Haile Selassie para sediar a OUA em Adis Abeba. A Etiópia foi um símbolo de liberdade para os africanos em todo o mundo, pois não foi

“A África deve se unir. Temos diante de nós não apenas uma oportunidade, mas um dever histórico”, Kwame Nkrumah, 24 de Maio de 1963

colonizada nas duas tentativas de invasões, depois que homens e mulheres derrotaram o exército italiano na Batalha de Adwa em 1896, resultando num tratado que reconhecia a sua soberania. Os membros da OUA queriam que todo o continente africano estivesse livre do domínio colonial e do apartheid, e eles criaram o Comité de Libertação da OUA para atingir esse objectivo.

Quando as acções falam, as palavras não são nada... Provérbio africano



Uma viagem do Oeste

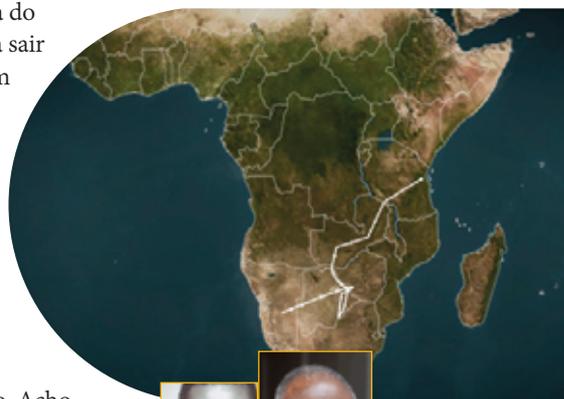
Peter Katjavivi conta a história de sua jornada para o exílio em Tanganyika em 1962, aos 21 anos, da Namíbia (então conhecida como Sudoeste Africano) por três países ainda sob domínio colonial antes de chegar a um que era independente, e como ele foi deportado de Plumtree, na Rodésia do Sul (Zimbabwe), libertado em Gaborone, em Bechuanaland (Botswana), e fez o seu caminho para Francistown antes de viajar através do Zambeze no ferry Kazungula para Livingstone e Lusaka, na Rodésia do Norte (Zâmbia), com dois jovens do Congresso Nacional Africano (ANC), da África do Sul, enquanto muitos outros foram rechaçados, e como ele finalmente alcançou a segurança da Tanganyika independente.

“Fomos levados para uma casa segura pertencente a um dos líderes da UNIP, o partido de Kenneth Kaunda. Foi assim que nós os três acabamos indo de Livingstone para Lusaka, ficávamos na sede da UNIP, depois de alguns dias fomos levados para a casa do secretário da UNIP responsável pela juventude. Eles estavam basicamente a nos controlar quando nos colocaram no carro e nos levaram até a paragem dos autocarros para apanharmos a viatura que fazia o trajecto entre Lusaka e um lugar chamado Mbeya, em Tanganyika. Então fizemos essa jornada.

“Fomos levados até a fronteira da Rodésia do Norte e Tanganyika e então nos disseram para sair da viatura e atravessar a fronteira e esperar um autocarro do outro lado, e a viatura veio e nos levou. Vou lhe dizer, com esses dois amigos meus do ANC, nossas lágrimas começaram a cair quando vimos a bandeira de Tanganyika. Nossas lágrimas rolaram e eles começaram a cantar uma música. Ainda estou procurando por essa música porque era uma expressão, era como um sonho que finalmente tínhamos feito.

“Agora é Dezembro, talvez 7 de Dezembro. Acho que quase 80% da longa jornada foi concluída e, pela primeira vez, vemos a bandeira de um país africano independente. Tanganyika agora era independente, agora é Dezembro de 1962. Tanganyika tornou-se independente em Dezembro de 1961, apenas um ano após a independência. Então chegamos à cidade de Mbeya.

“No na paragem de autocarros, havia pessoas do ANC, principalmente enfermeiras que foram doadas pelo ANC ao Tanganyika independente. Eram pessoas importantes no que diz respeito ao serviço de saúde, localizadas nos principais centros do país, e os que estavam afectos ao hospital de Mbeya vieram ter connosco na



SARDC

paragem dos autocarros. Fomos colocados numa outra viatura que nos levou até Dar es Salaam. Na chegada acho que foi por volta do dia 9 de Dezembro e quem estava na paragem dos autocarros para nos receber era Oliver Tambo e James Hadebe. Hadebe era o chefe do ANC em Dar es Salaam. Levaram-nos para a casa do ANC.

“Acho que estive uns dias com o ANC e depois os dirigentes da SWAPO vieram buscar-me, levaram-me para a casa da SWAPO. Então chegamos a Dar es Salaam. É como se você estivesse tonto, você quer dizer estou realmente aqui, finalmente??

“Havia muitas expectativas de chegar até a Dar es Salaam. Há empolgação, mas ao mesmo tempo há muitos questionamentos sobre o que vem a seguir, como vou sobreviver e o que fazer para ter sucesso no que procurava. Mas a emoção de conhecer novas pessoas, algumas delas de casa, foi simplesmente avassaladora. Agora é Dezembro, acho que 9 de dezembro de 1962, exactamente um ano após a independência.”

Você não corre para as montanhas, mas sim para as pessoas... Provérbio Herero



A Luta Continua!

Cheryl, 24

Pe o que você pensou quando viu o Samora falando?

Cheryl eu achei ele um homem poderoso, achei que tinha muita experiência para ele ter pensado dessa forma. Eu estava tipo, bem, isso é realmente mais profundo do que eu pensava. A vida das pessoas mudou, tudo das pessoas mudou. Foi como uma revelação para mim, se posso dizer.

Tem uma parte que ele fala da luta contra o tribalismo, a luta contra a falta de educação, contra a discriminação de género, alguma coisa. ... Foi profundo, mas para mim ele estava falando para o futuro. Isso é algo que ainda não havia acontecido, mas está acontecendo agora. Então eu fiquei tipo whoooa, yah. Isso foi como um choque para mim.

Eu estava tipo, ele tinha algum tipo de paixão profética por mim porque ele estava tipo, a luta continua, ele não disse até quando, vai continuar. Ele falava dizendo porque nós conquistamos a nossa independência, todos os outros que não conquistaram, a luta deles é a nossa luta. Então acho que foi isso que consegui com isso, ele está falando para o futuro.

*Um piloto que vê à distância não deixa o navio virar.
egípcio antigo*

Uma viagem do leste



Machel family archives

Um jovem chamado Samora Moisés Machel fez a viagem para Tanganyika alguns meses depois, em 1963, aos 30 anos, cruzando Moçambique através da Swazilândia e atravessando a África do Sul do apartheid para Botswana, de onde arranhou transporte para ir e se juntar ao novo, movimento unido de libertação, FRELIMO, formado em Dar es Salaam a 25 de Junho de 1962.



"Josina tu não estás morta porque assumimos as tuas responsabilidades e elas vivem em nós. (...) As flores que caem da árvore servem para preparar a terra para que flores novas e mais bonitas brotem na próxima época". Poema de Samora Machel



mozambiquehistory.net

Josina Muthemba Machel foi uma heroína da luta pela liberdade que lutou pela independência. Ela morreu aos 25 anos a 7 de Abril de 1971, hoje Dia da Mulher.

Marcelino dos Santos foi um fundador da Frelimo que deu direção intelectual à acção prática, redigiu os estatutos fundadores, foi Vice-Presidente da Frelimo de 1971-1977 e mais tarde transformou o quadro jurídico do país pós-libertação para estado-nação como Presidente da Assembleia Popular 1987-1995.

"Hoje, as mulheres moçambicanas falam e são ouvidas. Agora há mulheres membros do Comité Central, mulheres guerrilheiras, mulheres técnicas". M dos Santos 1974

Samora Machel (a frente), Domingos Uasse e Bonifácio Gruveta atravessam o rio Rovuma da Tanzânia para Moçambique.



miandica.blogspot.com

Canção triste do avô
Eu olhei para o meu avô
E meus olhos inocentes
Nadei com lágrimas.

Meu avô não parava de cantar
Ele continuou:

"Agora somos pessoas livres
Graças à coragem
Dos melhores filhos
De Moçambique."

José Cumaio, 15 anos,
Escola Secundária Josina Machel, Maputo
Breakfast of Sjamboks, Lukas Mkuti (ed), 1987



miandica.blogspot.com

Alberto Chipande deu os primeiros tiros da guerra em Chai, Cabo Delgado, a 25 de Setembro de 1964, hoje feriado em Moçambique, e foi Ministro da Defesa Nacional de 1975-1992. O primeiro volume das suas memórias intitula-se *Como Eu Vivo a Minha História*. Notícias

Joaquim Chissano liderando uma unidade de Frelimo no mato. Aos 35 anos foi Primeiro-Ministro, durante a transição para a Independência, e mais tarde tornou-se Presidente de Moçambique (1986-2005).



miandica.blogspot.com



25 de Junho de 1975

Samora Machel tornou-se o primeiro Presidente de Moçambique a 25 de Junho de 1975, pois o Presidente fundador da Frelimo, Eduardo Chivambo Mondlane, morreu quando abriu uma encomenda-bomba enviado pelas autoridades coloniais em 1969 a 3 de Fevereiro, hoje Dia dos Heróis em Moçambique.



Anders Johansson

Foto icónica de Eduardo Chivambo Mondlane, o Presidente fundador da Frelimo, com Samora Machel, que se tornou o segundo Presidente da Frelimo. A foto foi tirada na zona libertada de Moçambique em Fevereiro de 1968, pelo jornalista sueco Anders Johansson do Dagens Nyheter.



Mondlane recebeu uma encomenda-bomba, num escritório em Dar es Salaam, disfarçada num livro que explodiu quando abriu o pacote.

“Sempre demos tanta importância à educação porque, em primeiro lugar, ela é essencial para o desenvolvimento da nossa luta, pois o envolvimento e apoio do povo aumenta à medida que cresce a sua compreensão da situação”, disse Eduardo Mondlane. “Em segundo lugar, um futuro Moçambique independente vai precisar muito de cidadãos educados para liderar o caminho do desenvolvimento. À nossa frente vemos amargas dificuldades, mas também vemos os nossos filhos a correrem livres”.



SADC

Moçambique era então um “território ultramarino” de Portugal, chamado África Oriental Portuguesa, e um forte aliado da África do Sul do apartheid. Na sequência da transição em Portugal, a 25 de Abril de 1974 (Revolução dos Cravos), resultante da pressão das guerras de libertação em África, foram encetadas conversações entre a Frelimo e Portugal através do

Presidente Kaunda na Zâmbia, entre o Movimento das Forças Armadas Portuguesas (MFA) e a Frelimo. Eles chegaram ao acordo para uma transição, em Setembro de 1974, levando à independência em Junho de 1975. O presidente Machel é visto aqui com o presidente Kaunda após a independência.

A saudação mobilizadora do Presidente Samora continuou a ressoar por toda a região, mesmo após a conquista da Independência, inspirando outros a continuar até a vitória -- “A Luta Continúa! A luta continua...”

Contra o quê? A luta deve continuar contra o que?

Contra o tribalismo. E contra o que devemos continuar a lutar?

Contra a ignorância, contra o analfabetismo, contra a exploração, contra a superstição,

Contra a miséria, contra a fome, contra a falta de roupa....

A luta continua para que um dia sejamos todos iguais”.

Samora Machel morreu a 19 de Outubro de 1986 num acidente aéreo, na África do Sul do apartheid, depois do avião presidencial ter sido desviado da sua rota, aparentemente por um farol falso colocado pela África do Sul para atingir esse objectivo.



24 de Outubro de 1964

Tiende Pamodzi

Música foi sempre uma paixão para Kenneth Kaunda desde a adolescência em Chinsali. Nas suas actividades individuais para mobilizar apoio para a independência, o jovem esguio com corte de cabelo Zonk percorria longas distâncias com uma viola pendurada no ombro. Ele realizava reuniões e cantava suas próprias composições para o público.



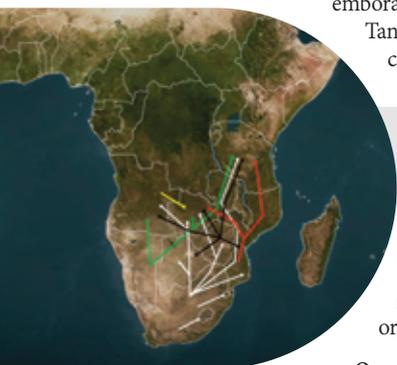
Quando ele ascendeu ao poder, era comum vê-lo dedilhar a viola, cantando uma canção patriótica ou uma canção de amor dedicada à sua esposa, a falecida Betty Kaunda.

Tiyende Pamodzi ndim'tima umo significa, "Vamos ter um só coração, um só espírito, trabalharmos juntos para que possamos nos desenvolver. Se você tem opiniões diferentes, não consegue atingir os objectivos certos."



bundesarchiv.de

O falecido líder zambiano descreveu a sua filosofia como "humanismo", uma abordagem centrada nas pessoas enraizada no *ubuntu*. O povo da Zâmbia acolheu refugiados, exilados e jovens que procuravam educação ou treinamento militar para libertar o seu país, principalmente de Angola, Moçambique, Namíbia, Zimbabwe e África do Sul do apartheid. As lideranças e quadros dos movimentos de libertação passaram pela Zâmbia ou aí viveram, e alguns foram para o treino militar, embora isso normalmente ocorresse através das fronteiras da Zâmbia, na Tanzânia, Moçambique ou Angola devido à vulnerabilidade da fronteira comum do país com a Rodésia do Sul (Zimbabwe) até 1980.



Os movimentos de libertação na África Austral procuraram refúgio na Zâmbia durante as décadas de 1960, 1970 e 1980.

Kaunda deu as boas-vindas aos visitantes e apoiantes da diáspora, especialmente aqueles envolvidos em iniciativas semelhantes e líderes e organizações "afins" de todo o mundo.

O presidente fundador da Zâmbia, Dr. Kenneth David Kaunda, com o líder dos direitos cívicos Martin Luther King, que foi assassinado nos Estados Unidos em 1968



Life magazine

Quando Kaunda fazia campanha pela independência da Zâmbia, conquistada a 24 de Outubro de 1964, Martin Luther King organizava a Marcha sobre Washington a 28 de Agosto de 1963, pedindo o direito ao voto e o fim da segregação racial. O discurso de King, "Eu tenho um sonho", vibrou pela África Austral, onde um sonho semelhante estava sendo perseguido



Kaunda com o presidente Josip Broz Tito da Iugoslávia, um dos fundadores do Movimento Não-Alinhado que tinha um sonho semelhante a nível global

"Eu tenho um sonho de que um dia, nas colinas vermelhas da Geórgia, os filhos dos ex-escravos e os filhos dos ex-proprietários de escravos poderão sentar-se juntos à mesa da fraternidade. Eu tenho um sonho de que um dia até o estado do Mississippi, um estado sufocado pelo calor da injustiça, sufocado pelo calor da opressão, será transformado num oásis de liberdade e justiça. Eu tenho um sonho de que os meus quatro filhinhos um dia viverão numa nação onde não serão julgados pela cor da sua pele, mas pelo conteúdo do seu carácter."



A Linha Férrea Tanzânia-Zâmbia (TAZARA), uma arma de liberdade...

“Então, esta linha férrea existe por causa do trabalho físico árduo, da ingenuidade e da vontade do povo chinês de compartilhar o pouco que tem. E tudo foi feito entre iguais: nós, na Tanzânia e na Zâmbia, ficamos com a nossa dignidade; e, com um profundo senso de obrigação fraterna. A China nos mostrou o verdadeiro significado do compromisso revolucionário e da solidariedade internacional. ... Pois esta linha férrea tem três grandes contribuições a dar aos africanos e ao desenvolvimento do Terceiro Mundo.

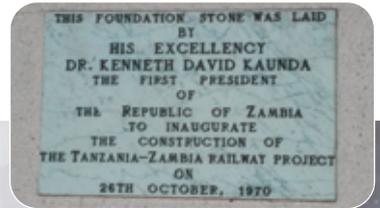
“Primeiro, é uma rota vital para o mar para a Zâmbia, através das suas áreas do Nordeste; e liga partes importantes e subdesenvolvidas da Tanzânia, incluindo todo o Vale da Bacia de Rufiji, com o porto de Dar es Salaam e o resto do país.

“Em segundo lugar, esta ferrovia dará uma contribuição vital para a unidade africana. Isso facilitará muito o comércio entre os nossos dois países e, eventualmente, entre a África Oriental e austral como um todo. ...

“Terceiro, a linha férrea ajudará o povo desta parte de África a desempenhar o seu papel na luta pela libertação africana e fortalecerá os nossos dois países. A Tanzânia e a Zâmbia estão empenhadas em usar as suas forças para apoiar a libertação total do nosso continente.

“Pois nenhuma parte da África pode ser deixada sob o domínio dos colonialistas ou racistas. ... Preferiríamos conquistar a liberdade por meios pacíficos; mas, quando não é possível, a África se compromete a dar todo o apoio à luta armada dos povos dos territórios oprimidos. ... Esta linha férrea, cuja conclusão celebramos hoje, está relacionada com a luta de libertação na África Austral; é uma arma de liberdade, para a Zâmbia e para a Tanzânia, e para o Zimbabwe, Namíbia e África do Sul”.

14 de Julho de 1976. Julius Nyerere falando na entrega oficial da linha férrea, que parte de Kapiri Mposhi, no cinturão mineral da Zâmbia, até o porto de Dar es Salaam, na República Unida da Tanzânia.





18 de Abril de 1980

Kenneth Kaunda

“Aconteceu, o que parecia impossível aconteceu. Esta é uma ocasião importante e alegre.”

Samora Machel

“Hoje, nós de Moçambique estamos aqui para celebrar a independência. Viemos dizer ao povo do Zimbabwe que agora somos independentes. Moçambique não era independente porque o Zimbabwe ainda estava sob dominação.”

“Viva Independência do Zimbabwe”

Julius Nyerere

“Desde que chegamos, fomos recebidos com extrema gentileza pelo povo do Zimbabwe. Eles cantam, dançam e me agradecem por acreditarem naquilo que a Tanzânia fez pelo Zimbabwe. Agora somos todos zimbabueanos e todos africanos e esperamos que vocês trabalhem juntos pelo bem do Zimbabwe e pela força da África.”

Vitória eleitoral de 1980

Às 20 horas do dia 4 de Março, após o anúncio dos resultados das eleições de independência, Mugabe se dirigiu à nação numa manifestação magistral de estadista. Ele falou em transformar as espadas em arados para reconstruir a nação, na necessidade de reconciliação e não de recriminação, e garantiu aos brancos que eles teriam um lugar no país - como zimbabueanos. Ele falou de uma coligação com a ZAPU e da inclusão de “membros de outras comunidades a quem a constituição negou o direito de apresentar como nossos candidatos” na votação racialmente separada. ...

Mugabe, apresentando claramente o caminho a seguir para o país, era visto como um líder capaz, inteligente e articulado.

“Vamos aprofundar o nosso sentimento de pertencimento”, concluiu, “e gerar um interesse comum que não conhece raça, cor ou credo. Tornemo-nos verdadeiramente zimbabueanos com uma única lealdade. Viva a nossa liberdade!”

The Struggle for Zimbabwe, 1981



Dr. Kenneth Kaunda, da Zâmbia, com Samora Machel, de Moçambique, e *Mwalimu Julius Nyerere*, da Tanzânia e (em cima) todos eles receberam zimbabueanos, tanto militares como civis; Primeiro Ministro Robert Mugabe, do Zimbabwe, com Nyerere e Kaunda. Mugabe tornou-se Presidente em 1987, quando a estrutura foi alterada para uma presidência executiva.



Zimbabwe Embassy in Berlin

Líderes e organizações africanas, bem como instituições e indivíduos de outras partes do mundo que apoiaram o movimento de independência e a luta de libertação, chegaram para comemorar com o Zimbabwe. Entre eles estava o ícone do reggae da Jamaica, Bob Marley, que compôs uma música especial intitulada *Zimbabwe*.



Bob Marley

ZIIMBABWE

“Todo o homem tem o direito de decidir sobre o seu próprio destino E neste julgamento não há parcialidade... Natty apelidado de Zimbabwe, Configure-o no Zimbabwe, africanos um Zimbabwe livre...”



A bandeira britânica é hasteada em Harare Hill com vista para Fortaleza Salisbúria a 13 de Setembro de 1890.



“O profeta Shona, Chaminuka, teve uma visão de seres brancos que ele descreveu como “homens sem joelhos”. Eles iriam, disse ele, invadir o Zimbábue pelo sul e governar o país.... Chaminuka provou que estava certo e, após uma guerra feroz, imigrantes brancos invadiram o país. ...e tomou metade da terra, tudo o que havia de terra alta e saudável. A metade estéril eles deixaram para os milhões de africanos compartilharem. Ouvi pela primeira vez sobre a angústia das pessoas através de canções de velhos amargos que se sentavam ao redor das fogueiras das aldeias em Mashonland e Manicaland, onde passei parte da minha juventude. Uma canção dizia: “Primeiro houve o trabalho forçado, seguido por casas enfileiradas, depois vieram as estradas, nosso gado se foi (acabou)”. Musosa Kazembe, DRUM magazine

...A 26 de Junho de 1890, uma força de invasão de 300 policiais recrutados pela British South Africa Company, de Cecil Rhodes, e quase 200 'pioneiros' cruzaram o rio Macloutsie de Bechuanaland (agora Botswana) para colonizar Mashonaland. Os 'pioneiros' foram selecionados entre 2.000 candidatos na África do Sul pela sua habilidade de cavalgar e atirar, bem como pelas suas habilidades técnicas, incluindo mecânicos, fazendeiros, açougueiros, padeiros e um grande grupo de garimpeiros atraídos por histórias das vastas jazidas de ouro.

Eles estavam armados com espingardas, revólveres, metralhadoras e artilharia. Eles usavam uniformes militares, botas militares e chapéus. O guia do comboio de vagões havia prometido a eles 15 benfeitorias cada nos campos de ouro e 3.000 hectares de terras agrícolas de primeira qualidade - um total de quase 1.500.000 hectares. Seu objectivo era o Monte Hampden, e eles reivindicaram a posse da terra em nome da Rainha Vitória. Que esta era uma invasão não estava em discussão, e a 12 de setembro passou a ser comemorado anualmente até 1961, como o Dia da Ocupação.

Os primeiros colonos que chegaram à área oriental de Masetter em 1893 listaram a extensa gama de produtos agrícolas africanos. 'Farinhas, milho, amendoim, feijões (cinco tipos), ovos, frutas, repolhos, batatas doces, ervilhas, abóboras, melancias, pepinos, pimentas, tabaco, bananas e limões, e todos estes cultivados com perfeição', escreveu um. Um colono no oeste de Mashonaland também descreveu a agricultura bem-sucedida e variada: 'O caminho serpenteava por campos de milho, rukweza, batata-doce, abóboras, amendoim e depois por canteiros de arroz nos pântanos.' O gado e as cabras eram pastoreados.

Assim, quando os colonos chegaram em 1890, um sistema africano de desenvolvimento político e econômico estava em vigor. Eles vieram em busca de ouro e, nos 20 anos seguintes, grande parte da sua comida foi fornecida pela economia africana. Quando os colonos não conseguiram encontrar o ouro que os africanos vinham minerando por centenas de anos, eles se apropriaram da terra para cultivar e destruíram a economia africana, forçando os africanos a entrar em reservas e criando um reservatório de mão de obra barata para as fazendas, minas e centros urbanos. *The Struggle for Zimbabwe*, 1981

A resistência africana à perda de terras e liberdade continuou durante a década de 1890, liderada pelos chefes e comunidades, apoiada por estruturas tradicionais como Nehanda Charwe Nyakasikana, descendente de um poderoso e respeitado espírito ancestral. Na cultura local, as pessoas acreditam que os mortais são guiados pelos seus ancestrais, e esses ancestrais falam através do descendente para proteger e fornecer inspiração, coragem, sistemas de valores e senso de obrigação.



Líderes Joshua Nkomo e Robert Mugabe; o memorial aos jovens que lutaram e reconquistaram o seu país; e o descendente espiritual de Mbuya Nehanda, que foi uma das figuras místicas e influentes do Primeiro e do Segundo Chimurenga. A resistência continuou e cresceu até a liberdade ser reconquistada 90 anos após a ocupação.



Chronicle



P. Robinson



National Ancestor, The Netherlands

Joshua Mqabuko Nkomo, Pai do Zimbabwe

"A mudança mais importante neste país é que o nosso povo se reconheça como um só. Fomos divididos em grupos raciais, brancos, negros... Depois de mudar isso e fazer o nosso povo sentir que é um, então todas as coisas que foram divididas nesse sentido podem ser resolvidas.

Robert Gabriel Mugabe, Presidente Fundador

"Todos devem ter plenos direitos políticos, sejam brancos ou negros, educados ou não, ricos ou pobres, e é exatamente por isso que estamos a lutar para ganhar para o nosso povo 'um homem, um voto'."

Josiah Magama Tongogara

"As minhas queixas eram mais baseadas na questão da opressão que eu tinha visto do meu próprio povo, particularmente na privação de terras. Eu costumava ouvir os meus pais a falarem sobre isso. Esses foram principalmente os factores que me motivaram."

"Não pretendemos terminar em dois, três, quatro ou cinco anos... é uma luta demorada. O tipo de guerra que lutamos depende de mudanças de tática e nós mudamos as nossas táticas. Combinaremos os dois - onde eles nos encontrarem e nos interceptarem, resistiremos e lutaremos; onde eles não nos verem, iremos para as nossas próprias áreas e nos infiltraremos na população e organizaremos as nossas massas".

Ambos os exércitos do movimento de libertação do Zimbabwe, o Exército Africano de Libertação Nacional do Zimbabwe (ZANLA) e o Exército Revolucionário do Povo do Zimbabwe (ZPRA), mudaram as suas táticas na década de 1970. O rio Zambeze era uma barreira para a travessia da Zâmbia e mesmo que fosse atravessado com segurança, poucas pessoas viviam na área para dar comida, abrigo e informações aos guerrilheiros. Faltava água, fazia muito calor e as forças rodesianas tinham acampamentos ao longo da margem do rio.

Tongogara disse que estas dificuldades levaram à conclusão de que devem tentar passar por Moçambique. "Descobrimos que estávamos fazendo um trabalho muito bom por dentro, para aquela época era o começo, mas a traseira estava mais fraca que a dianteira. Descobrimos que não poderíamos continuar com a guerra assim e vencer."

A ZANLA operava no nordeste do país e a FRELIMO deslocava-se para o sul para realizar operações na província de Tete, onde confrontavam operações conjuntas das forças portuguesas e rodesianas. Assim, as discussões ocorreram em Lusaka, lideradas por Herbert Chitepo e Samora Machel. Eles concordaram que a ZANLA poderia operar a partir de Moçambique.

Tongogara disse mais tarde que Machel lhes disse: *"Alguns de nós, quando olhamos para a situação em Moçambique, percebemos que se libertarmos Moçambique amanhã, isso não será o fim. A libertação de Moçambique sem a libertação do Zimbabwe não tem sentido."*



Samora Machel, Robert Mugabe

Eles estavam comprometidos com a unidade, falaram sobre a unidade e criaram estruturas para a unidade

Herbert Chitepo e Jason “JZ” Moyo dirigiram a guerra de libertação de Lusaka, nas frentes militar e diplomática, e ambos foram alvo das forças de segurança rodesianas. Ambos foram assassinados em Lusaka. Chitepo foi morto a 18 de Março de 1975 e Moyo a 22 de Janeiro de 1977. O primeiro morreu com um carro-bomba e o último com um pacote armadilhado enviado ao seu escritório. Após a independência, as forças especiais da Rodésia admitiram os dois assassinatos, dizendo que haviam grameado as conversas telefónicas de Moyo e interceptado um pacote que ele esperava. Para Chitepo, colocaram explosivos no seu carro, e descreveram a operação e a subsequente campanha visando os seus colegas como sendo notícias falsas, considerando-a a sua “maior operação de sucesso da guerra”.



Os comandantes operacionais eram Rodgers 'Alfred Nikita' Mangena (à esquerda) e Josiah Magama Tongogara, mostrados (meio), como comandante da guerra de libertação, e (à direita) refletindo sobre as negociações pela independência em Lancaster House, em Londres, em 1979. Ambos morreram durante a guerra, Mangena foi vítima de uma mina terrestre no sul da Zâmbia, a 28 de Junho de 1978, e Tongogara, num acidente de viação no centro de Moçambique, a 26 de Dezembro de 1979, quando ia ao encontro dos seus comandantes nas negociações sobre o cessar-fogo.



O primeiro grupo de jovens com treinamento militar a cruzar o rio Zambeze da Zâmbia para a Rodésia do Sul atravessou a ponte em Chirundu, onde foram confundidos com alunos pelos funcionários da fronteira. O grupo, comandado por Emmerson Dambudzo Mnangagwa, chegou a tempo para o primeiro Congresso da ZANU em Gweru em Maio de 1964, como representantes da liga juvenil da filial de Lusaka, mas poucos sabiam que eram guerrilheiros treinados. Mnangagwa foi preso um ano depois, após colocar explosivos num comboio em Masvingo. Foi encarcerado e condenado à morte. O capelão da prisão, padre Emmanuel Ribeiro, resgatou-o do corredor da morte, declarando que ele era muito jovem para a execução. Após oito anos de prisão, onde continuou os seus estudos, foi deportado para a Zâmbia e concluiu a licenciatura em Direito na Universidade da Zâmbia. Foi então para Moçambique para voltar a entrar na guerra, tornando-se chefe da segurança civil e militar. Após a independência em 1980, foi-lhe confiada a tarefa de unificar os exércitos do movimento de libertação (ZANLA e ZPRA) com o exército da Rodésia, como Presidente do Alto Comando Militar. Ele ocupou vários cargos do Governo e em 2017 prestou juramento como o segundo Presidente do Zimbábue.



ED Mnangagwa

As mulheres tiveram vários papéis no Movimento de Libertação Nacional, inclusive como quadros militares treinados ao lado dos homens. Mas as mulheres também carregavam armas e munições por longas distâncias como mensageiras, trabalhavam como oficiais de inteligência, cozinhavam e transportavam comida e eram treinadas como policia. Mulheres e homens cuidavam dos feridos e doentes e educavam as crianças. Em todos os movimentos de libertação nacional na África Austral, a maioria dos postos de comando foram ocupados por homens, mas não todos. Havia algumas mulheres comandantes. Os múltiplos papéis das mulheres entraram em jogo assim como depois da guerra, e ainda o fazem agora. Portanto, é importante que esses diferentes papéis sejam documentados juntamente com os múltiplos e muitas vezes diferentes papéis desempenhados pelos homens. O ponto é a importância de dar a esses papéis o seu adequado valor ao contar a sua história.



Oppah 'Chamu' Muchinguri-Kashiri



Monica 'Chido' Mutsvangwa

“A 25 de Junho de 1975, a FRELIMO conquistou a sua independência, e isso deu-nos mesmo aquela força para dizer – Se os moçambicanos conseguem, então nós conseguimos. Foi um espírito que veio através dos jovens deste país. Estávamos tão determinados... Eu chamo a nós mesmos a geração de Samora Machel... estou profundamente ligado a este grande país pelo sangue dos valentes filhos e filhas de Moçambique e do Zimbábue que deram a sua vida e dedicação pela libertação do nosso país.”
Monica Mutsvangwa, falando em Maputo como Vice-Presidente do Fórum Parlamentar da SADC

Onde há um propósito, não há fracasso.
Siga o rio e encontre o mar.
provérbios suaili



11 de Novembro de 1975

Angola é um dos maiores e potencialmente um dos países mais ricos da África, mas o seu povo chegou à independência depois de sofrer uma das mais longas e debilitantes formas de colonialismo. ...Angola teve o seu primeiro assentamento colonial em 1575 (a independência foi alcançada 400 anos depois), mas durante séculos interessou principalmente a Europa como fonte de escravos, ou como lixeira para criminosos exilados. ...A extração de diamantes, iniciada em 1913, tornou-se de importância comercial depois de 1920, e a extração de petróleo, começando com um nível baixo em 1956, havia ultrapassado em 1973 o café como a principal fonte de receita externa. Wolfers, M. 1981 Wolfers, M. *República Popular de Angola*

A paciência dos angolanos estava se esgotando na década de 1960 e alguns líderes já estavam no exílio. O Presidente do MPLA, Dr. Agostinho Neto, esteve preso em Portugal. A 4 de Fevereiro de 1961, os opositores do colonialismo foram libertados da prisão em Luanda, e esse dia é marcado como o início da guerra de libertação, que acabou trazendo a independência a 11 de Novembro de 1975.



Sagrada Esperança – Poemas de Agostinho Neto, editado pelo Sindicato dos Escritores Angolanos Ilustrações de Antônio P. Domingues



"Eu, o narrador, sou Teoria. Nasci na Gabela, na terra do café. Da terra recebi a cor escura de café, vinda da mãe, misturada ao branco defunto do meu pai, comerciante português. Trago em mim o inconciliável e é este o meu motor. Num Universo de sim ou não, branco ou negro, eu represento o talvez ... Do clássico conto de Mayombe de Artur Pestana "Pepetela", publicado pela União dos Escritores Angolanos

O ANC e o MPLA Oliver Tambo

"As heroicas lutas anticoloniais dos povos africanos pela independência nacional, incluindo, em particular, as lutas armadas dos povos da Argélia, Guiné-Bissau e Cabo Verde, Angola e Moçambique, culminaram na derrocada histórica do colonialismo em África.

As vitórias estremecedoras da Frelimo e do MPLA levaram a África Austral a uma encruzilhada. ..."

Oliver Tambo, falando no Congresso do MPLA em Luanda, em 1977

Agostinho Neto

Para além da Poesia

Lá no horizonte
o fogo
e as silhuetas escuras dos imbondeiros
de braços erguidos
No ar o cheiro verde das palmeiras queimadas

Poesia africana

Na estrada
a fila de carregadores bailundos
gemendo sob o peso da crueira
No quarto
a mulatinha dos olhos meigos
retocando o rosto com muge e pó de arroz
A mulher debaixo dos panos fartos remexe as ancas

Na cama
o homem insone pensando
em comprar garfos e facas para comer à mesa

Havemos de voltar

Às casas, às nossas lavras
às praias, aos nossos campos
havemos de voltar

Às nossas terras
vermelhas do café
brancas de algodão
verdes dos milharais
havemos de voltar

Às nossas minas de diamantes
ouro, cobre, de petróleo
havemos de voltar

Aos nossos rios, nossos lagos
às montanhas, às florestas
havemos de voltar

À frescura da mulemba
às nossas tradições
aos ritmos e às fogueiras
havemos de voltar

À marimba e ao quissange
ao nosso carnaval
havemos de voltar

À bela pátria angolana
nossa terra, nossa mãe
havemos de voltar

Havemos de voltar
À Angola libertada
Angola independente

No céu o reflexo
do fogo
e as silhuetas dos negros batucando
de braços erguidos
No ar a melodia quente das marimbas

Poesia africana

E na estrada os carregadores
no quarto a mulatinha
na cama o homem insone

Os braseiros consumindo
consumindo
a terra quente dos horizontes em fogo.

Bailundo: Parte da Província do Huambo e nome dado aos seus habitantes.

Nota Acrescentada: As boas maneiras à mesa e o uso de garfos e facas eram uma referência usada pelas autoridades coloniais em Angola e Moçambique para determinar se uma pessoa local era suficientemente civilizada para ingressar na sociedade e ter privilégios especiais, portanto, para se tornar assimilado.

"A Unidade é necessária em todos estes Países. Isto foi provado no caso das Colónias Portuguesas. Onde há unidade, o avanço para a independência é fácil. Onde não há unidade, como é o caso de Angola, o avanço para a independência está desnecessariamente atrasado e espero que os nossos amigos da Rodésia aprendam correctamente a lição e que devam manter-se unidos e fortes."

– Julius Nyerere

Prisão do Aljube, Lisboa
Outubro de 1960

Da Sagrada Esperança – Poemas de Agostinho Neto, editado pelo Sindicato dos Escritores Angolanos, 1986
Ilustrações originais de António Domingues na colecção particular do autor

O regime de apartheid, da África do Sul, invadiu o sul de Angola em Agosto de 1975, antes da independência em Novembro, e permaneceu até o acordo de paz formal, quando as tropas e a administração sul-africana foram retiradas da vizinha Namíbia em 1989. Durante esse período, houve ataques aéreos contra o exército angolano, combatentes da SWAPO e campos de refugiados, incluindo ataques militares sul-africanos directos.

A independência de Angola não trouxe a paz, pois parte do país era controlada por outros grupos bem armados pelo apartheid da África do Sul, que também ocupava uma área no sul do país, uma faixa de 50 quilómetros ao longo da fronteira para fins de defesa, mas na prática era para enfraquecer Angola e atacar os combatentes de libertação da SWAPO da Namíbia.

Entre as atrocidades conta-se a incursão das forças sul-africanas do apartheid num campo para refugiados namibianos em Cassinga, na província de Huila, a 4 de Maio de 1978. Foi uma das maiores operações aéreas da Força de Defesa Sul-Africana (SADF), que lançou 400 paraquedistas perto do cidade e acampamentos e bases foram bombardeadas nas proximidades, seguido por um ataque terrestre. Mais de 600 namibianos morreram, incluindo um grande número de mulheres e crianças, e centenas ficaram feridos. Uma missão da ONU visitou Cassinga e descreveu o ataque como “criminoso em termos legais e selvagem em termos morais”.

Algumas semanas depois, 600 crianças namibianas, principalmente sobreviventes de Cassinga, chegaram a Cuba para estudar. 4 de Maio é o Dia de Cassinga, na Namíbia, um feriado para refletir sobre aqueles que deram as suas vidas pela independência.

A Força de Defesa Sul-Africana foi longe demais na defesa do seu sistema de apartheid de segregação racial quando conduziu incursões e ataques em Angola em 1987 contra os bem treinados e armados militares angolanos e combatentes de libertação da SWAPO, fortalecidos por forças cubanas, alguns dos quais perderam a vida e são considerados heróis em África pelo seu apoio à libertação. O apartheid sul-africano foi confrontado no sul de Angola e o seu avanço foi travado num grande confronto militar que durou vários meses, culminando na batalha decisiva do Cuito Cuanavale em Março de 1988.

A derrota das forças sul-africanas do apartheid em Cuito Cuanavale levou a negociações envolvendo as Nações Unidas, Angola, Namíbia, Cuba e África do Sul, entre outros, que acabaram resultando na retirada sul-africana da Namíbia. O país voltou ao mandato da ONU por um período de transição, levando a eleições para uma Assembleia Constituinte e Independência dois anos depois, a 21 de Março de 1990. Seguiram-se eleições democráticas na África do Sul, quatro anos depois, a 27 de Abril de 1994.

CRONOLOGIA DE CUITO CUANAVALÉ

23 de Março de 1988	Fim da Batalha do Cuito Cuanavale
22 de Dezembro de 1988	Assinatura do Acordo de Nova Iorque por Angola, Cuba e África do Sul sobre a implementação da Resolução 435/78 do Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU) para devolver a Namíbia ao Mandato da ONU
1 de Abril de 1989	Início da implementação da Resolução 435/78 do CSNU que permitiu a retirada da administração sul-africana e à independência da Namíbia
11 de Fevereiro de 1990	Libertação de Nelson Mandela da prisão na África do Sul
21 de Março de 1990	Independência da Namíbia
27 de Abril de 1994	Eleições democráticas na África do Sul para acabar com o sistema de apartheid

23 de Março Dia da Libertação da África Austral

A pequena cidade de Cuito Cuanavale, na província de Cuando Cubango, no sul de Angola, foi o epicentro de uma das batalhas convencionais mais ferozes de África.

De Novembro de 1987 a Março de 1988, milhares de combatentes das Forças Armadas Populares de Libertação de Angola (FAPLA), apoiados pelo Exército Popular de Libertação da Namíbia (PLAN) e pelas Forças Revolucionárias de Cuba, lutaram para defender o país e derrotaram as forças armadas de o regime do Apartheid da África do Sul.

Esta batalha em Cuito Cuanavale está escrita na história da África Austral como a “guerra para acabar com todas as guerras” após a qual a África do Sul começou a sua retirada do apartheid e da região, e dois anos depois libertou Nelson Mandela e outros da prisão.

O dia 23 de Março é, portanto, a data escolhida pelos 16 Estados Membros da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC) para comemorar o Dia da Libertação da África Austral. A primeira celebração realizou-se a 23 de Março de 2019 no Cuito Cuanavale, onde foi instalado um museu e se conserva o material militar.

A vitória em Cuito Cuanavale mudou a face da África Austral e foi a última grande batalha pela libertação, logo seguida de negociações bem-sucedidas para a independência da Namíbia (1990) e o fim da administração do apartheid na África do Sul (1994), permitindo que a região avançasse para o desenvolvimento e integração regional.

A data marca a última batalha no sul de Angola, no Cuito Cuanavale, há apenas 35 anos.

Além do Dia da Libertação da África Austral, a 38ª Cimeira da SADC, organizada pela Namíbia em 2018, aprovou a criação de um grupo de trabalho regional de especialistas curriculares para determinar os requisitos para o ensino da História da Libertação da África Austral e a sua inclusão no programa escolar dos Estados-Membros da SADC.

Os líderes da SADC também criaram um mecanismo para homenagear os fundadores da SADC.



Southern African Development Community



21 de Março de 1990

"A garantia da independência da Namíbia teve um custo. Pagamos caro por isso com suor, lágrimas, sangue e vidas."
Presidente fundador Sam Nujoma

"Não temos alternativa senão pegar em as armas e promover nossa própria libertação. Somos os nossos próprios libertadores."

Peter Nanyemba fez a declaração em nome da SWAPO em Junho de 1966, em Dar es Salaam, Tanzânia, onde era o Chefe do Representante para a África Oriental, anunciando o início da guerra pela independência. Isso marcou uma mudança estratégica de confiança na política de protestos e petições como a principal forma de luta anticolonial. A 26 de Agosto de 1966 (agora Dia dos Heróis), isso se tornou realidade no terreno quando os primeiros tiros foram disparados em Omugulugwombashe, na região de Omusati, no norte da Namíbia, iluminando a estrada que os namibianos tiveram que percorrer, resultando na independência 24 anos depois, a 21 de Março de 1990.

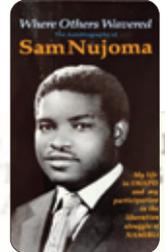


Combatentes do PLAN marcham em frente do Comandante-em-Chefe do PLAN, Dr. Sam Nujoma. A esquerda o falecido Peter Nanyemba, então Secretário de Defesa da SWAPO.

Swapo Party

Entre essas datas, muitas outras actividades foram realizadas para apoiar o objectivo, em casa, através de sindicatos e igrejas, e através da solidariedade internacional até que o caso da Namíbia se tornasse uma questão global em África através das Nações Unidas, aliados e grupos de apoio.

Samuel Shafiqhuna Nujoma foi membro fundador e primeiro Presidente da Organização do Povo do Sudoeste Africano (SWAPO). Ele deixou o país em 1960 aos 30 anos viajando de carro, comboio e avião para Botswana, Zâmbia, Tanzânia e outros lugares, sem saber que levaria mais 30 anos até o seu retorno formal em 1989 e independência em 1990. Ele desempenhou um papel de liderança como chefe do movimento de libertação nacional. A SWAPO criou o Exército Popular de Libertação da Namíbia (PLAN) em 1962 e lançou a guerra de libertação em 1966 depois que as Nações Unidas retiraram o mandato da África do Sul para governar o país, até 1989 e as eleições. Ele foi Presidente fundador em 1990 e foi eleito para mais dois mandatos em 1995 e 2000 antes de deixar o cargo. Ele foi substituído pelo Presidente Hifikepunye Pohamba, que cumpriu os dois mandatos seguintes de 2005 a 2015.



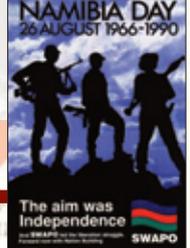
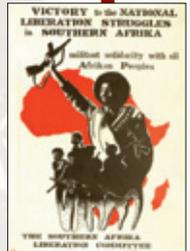
O papel e a contribuição da Igreja e dos Sindicatos

As igrejas e os sindicatos actuaram como um sistema de apoio durante a luta de libertação. Enquanto os sindicatos foram fundados pelos trabalhadores para se organizarem a fim de lutar contra a exploração, a igreja se concentrou na educação. Não havia muitos livros disponíveis, então a mensagem da Bíblia influenciava os valores das pessoas. A igreja educava todas as faixas etárias e oferecia bolsas de estudo na ausência de ensino superior, forneceu o espaço seguro necessário para as discussões do NLM e disseminou informações sobre a libertação. Igrejas e indivíduos fizeram campanha pela liberdade nacional, a nível nacional e internacionalmente; fez pressão pela segurança humanitária e iniciou petições, enquanto os sindicatos mobilizaram partidos e reuniões políticas, motivaram as pessoas a se juntarem aos movimentos de libertação e, finalmente, tornaram-se a plataforma de crítica contra o regime do apartheid.

Bispo Dr. Shekutaamba V.V. Nambala

Solidariedade internacional

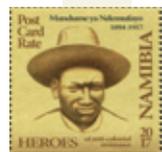
Enquanto a Rússia, China, Iugoslávia e outros se juntaram à Argélia, Egipto, Etiópia e outros países africanos no fornecimento de equipamentos e treinamento para o movimento de libertação, bem como refúgio e educação, uma bem-sucedida campanha internacional de solidariedade foi realizada nos escritórios da SWAPO nos Estados Unidos e na Europa, incluindo Grã-Bretanha, Suécia, Noruega, Finlândia, Alemanha Oriental e Ocidental, Holanda e Dinamarca, e em colaboração com as estruturas estabelecidas do movimento anti-apartheid. Eles pressionaram os seus governos, informaram a mídia e produziram informações para mobilizar a opinião pública.



Richard Knight

Ndemufayo/Ndemufaio é homenageado como herói na Namíbia e em Angola*

*com grafia diferente



Como Rei Ovakwanyama, Mandume ya Ndemufayo lutou contra duas potências coloniais entre 1911 e 1917 - o ataque português em Angola e o regime britânico-sul-africano na Namíbia. O reino Kwanyama havia sido dividido na conferência de Berlim de 1884 na Europa, entre a África Ocidental Portuguesa e o Sudoeste Africano Alemão. Nascido uma década depois, em 1894, e empossado como rei de Kwanyama em 1911, aos 17 anos, Ndemufayo cresceu durante um período de turbulência. A sua vida foi curta, mas ele contribuiu para a luta pela liberdade. Ele morreu a 6 de Fevereiro de 1917 numa batalha contra as forças sul-africanas que ocuparam uma parte de seu reino.

Ele havia expulsado os comerciantes portugueses do território cuanhama, permitido que as mulheres tivessem gado e decretado duras penas para o crime de estupro. Nenhum colonizador europeu desafiou os bem armados reinos de Ovambo até 1915, quando o início da Primeira Guerra Mundial na Europa coincidiu com uma grande seca local. Ele mudou a sua capital para o sul novamente após pesadas perdas ao conter um ataque português, mas depois confrontou as forças sul-africanas na batalha após se recusar a se submeter ao seu controle. A sua liderança, coragem e morte trágica permanecem vivas na história oral e escrita da Namíbia. Ele foi um dos nove heróis nacionais identificados para a inauguração da Praça dos Heróis em 2002.



Estátua do Chefe Kutako nos Jardins do Parlamento, em Windhoek

Chefe Hosea Kutako

O Chefe Herero, Hosea Komombumbi Kutako... participou das guerras anticoloniais de 1904 como um dos principais comandantes. Ele também desempenhou um papel histórico e significativo ao fazer uma petição às Nações Unidas com o Rev. Michael Scott em 1946, exigindo a colocação do Sudoeste Africano sob a tutela das Nações Unidas. ... "Ao seu espírito revolucionário e a sua memória visionária, humildemente oferecemos nossa honra e respeito." Presidente Sam Nujoma, inaugurando a Praça dos Heróis, em 2002

Cicatrizes de genocídio

A Convenção das Nações Unidas sobre o Genocídio define o genocídio como "actos cometidos com a intenção de destruir, no todo ou em parte, um grupo nacional, étnico, racial ou religioso".

Isso aconteceu na Namíbia em 1904-1908, quando líderes da resistência à ocupação alemã se rebelaram e lutaram para defender o seu território, sob o comando de Samuel Maherero e do capitão Hendrik Witbooi, conhecido como o "capitão que desaparece na lama" por causa de sua tática de guerrilha. A estação militar alemã em Waterberg foi ocupada por uma infantaria montada Herero e forças de guerrilha, mas as forças coloniais reagiram usando artilharia de carregamento pela culatra e metralhadoras Maxim alimentadas por cinto na Batalha de Waterberg. O general Von Trotha emitiu uma ordem de extermínio para atirar em todos os Hereros, armados ou desarmados, incluindo homens, mulheres e crianças.

A população sobrevivente, enfraquecida por um surto de peste bovina que dizimou o gado e, portanto, a economia local e a segurança alimentar, foi forçada a ir para o deserto de Omaheke e quem tentou retornar às suas terras foi morto ou colocado em campos de concentração. A maioria da população Herero morreu (75-80 por cento) e metade da população Nama. Witbooi foi morto em acção e Maherero levou parte da população restante para o exílio. Logo depois, diamantes foram descobertos no território.

Um relatório da ONU em 1985 identificou isso como uma tentativa de extermínio e, portanto, genocídio. Crânios e outros restos mortais que foram levados para a Alemanha como troféus e para experimentação começaram a ser devolvidos à Namíbia em 2011 após uma intensa pressão e, mais recentemente, em 2018, quando uma delegação da Namíbia recebeu formalmente os restos mortais durante uma cerimónia religiosa na Alemanha, incluindo 19 crânios, um couro cabeludo e ossos. Cabeças e troféus humanos também foram levados da Tanzânia, África do Sul e Zimbábue para a Alemanha e a Grã-Bretanha, e as negociações de repatriação ainda estão em curso.



Dois jovens seguram velas ao lado de dois crânios exibidos durante uma cerimónia de entrega na Alemanha em 2018



IRFICO

O Instituto da ONU para a Namíbia, conhecido como UNIN, foi criado em Lusaka, Zâmbia, em 1975, para treinar jovens namibianos que poderiam assumir cargos administrativos na independência; e desenvolver um quadro político para a Namíbia independente. O Director Fundador da UNIN foi o Dr. Hage G. Geingob (1975-1989). O Dr. Geingob foi membro do Comité Central e Politburo da SWAPO, escolhido para chefiar a campanha da SWAPO para as eleições pré-independência, como Director de Eleições, pelo que regressou a casa em Junho de 1989 após 27 anos no exílio. Após a vitória eleitoral, foi eleito Presidente da Assembleia Constituinte para formular a nova

Constituição da Namíbia, que foi adoptada a 9 de Fevereiro de 1990, levando à independência a 21 de Março de 1990. Como o primeiro Primeiro-Ministro da República da Namíbia, ele introduziu um moderno abordagem de gestão para o governo. O Dr. Geingob foi eleito Presidente da SWAPO em 2014 e, após vencer as eleições nacionais, foi empossado como Presidente da Namíbia a 21 de Março de 2015.

O Chefe da Formação de Professores e Director Adjunto da UNIN era o jovem e instruído Dr. Mosé Penaani Tjitendero, que se juntou à luta no exílio na Tanzânia em 1964 e muito mais tarde tornou-se o primeiro Presidente da Assembleia Nacional da Namíbia independente (1990-2005), reformando o sistema parlamentar num fórum transparente e eficaz para legislação e debate. Ele forneceu inspiração além das fronteiras como activista visionário para o estabelecimento do Fórum Parlamentar da SADC, organizado pela Namíbia.



IRFICO

Eles foram habilmente apoiados por um experiente advogado tanzaniano, Mark Bomani, que foi o primeiro Procurador Geral da Tanzânia (1965-1976) e foi destacado para servir como Conselheiro Jurídico Sénior na UNIN (1976-1990), trabalhando para desenvolver um sistema para o país, independente da África do Sul.



Netumbo

Netumbo Nandi-Ndaitwah ingressou na SWAPO em 1966 e, quando deixou a Namíbia para o exílio em 1974, era presidente regional da Liga da Juventude. Ela representou o partido desde 1976 em cargos-chave para a guerra de libertação - na Zâmbia por quatro anos, primeiro como deputada e depois como chefe representante, e na Tanzânia como chefe representante para a África Oriental e o Comité de Libertação da OUA (1980-1986). Ela serviu como membro do Parlamento e do Governo desde a Independência, em vários cargos ministeriais, e como Ministra das Relações Internacionais e Vice-Primeira-Ministra. É a primeira mulher a ser eleita vice-presidente da SWAPO, no Congresso do partido de 2017, e reeleita em 2022.

É a primeira mulher a ser eleita vice-presidente da SWAPO, no Congresso do partido de 2017, e reeleita em 2022.

Resolução do Conselho de Segurança da ONU (RCSNU 435)



netumbo

Theo-Ben Gurirab, lutador pela liberdade, diplomata, político, professor, camarada, pai, avô e um dos pais fundadores da República da Namíbia. Ele nunca se viu como um herói, mas como um patriota que fez o melhor pelo seu país e continente. No entanto, ele permaneceu como um colosso de liberdade, montado no mundo, aquele garotinho que costumava correr pelas colinas de Usakos, na zona rural da Namíbia, e que começou a estudar lá antes de se tornar presidente da Assembleia Geral da ONU, que representa o mundo.

Durante o período em que foi o principal diplomata da SWAPO nas Nações Unidas, de 1972 a 1986, o estatuto político e diplomático da SWAPO cresceu de um peticionário à margem da diplomacia para um negociador dominante na arena internacional. As demoradas negociações que resultaram na Resolução 435 (1978) do Conselho de Segurança da ONU, contendo um plano internacionalmente aceite para trazer a independência da Namíbia, representaram uma das muitas conquistas da sua carreira política e diplomática.

Eleito em 1989 para a Assembleia Constituinte, tornou-se membro da primeira Assembleia Nacional em 1990. Como primeiro Ministro dos Negócios Estrangeiros (1990-2002) e segundo Primeiro-Ministro (2002-2005) da Namíbia independente, e segundo Presidente da Assembleia Nacional Assembleia (2005-2015), prometeu “salvaguardar a República da Namíbia, o Povo, a Constituição e a nossa nacionalidade para o benefício dos filhos da terra e de toda a posteridade”.

Quando Gurirab morreu em 2018 aos 80 anos, o secretário-geral da ONU, António Guterres, expressou profunda gratidão pela ampla gama de contribuições, dizendo que pode ser honrado por defender os valores que definiram a sua vida – autodeterminação, direitos humanos, liberdade e justiça.



Passaporte da Tanzânia emitido para Sam Nujoma durante a guerra de libertação

“Toivo ya Toivo foi mais que um herói namibiano”

por Simon Allison, *Mail and Guardian* 15 de Junho de 2017

Na África do Sul, nós facilmente esquecemos que a nossa conturbada história não está, e nunca esteve, confinada dentro das fronteiras da república. Todos os nossos vizinhos, à sua maneira, desempenharam o seu papel na luta de libertação da África do Sul, e todos, em vários graus, sofreram com a sua proximidade ao regime do apartheid. Mas, não mais que a Namíbia.

Desde o fim da Primeira Guerra Mundial, a Namíbia (então chamada de Sudoeste Africano) foi, de facto, governada por Pretória, que procurou recriar lá as mesmas políticas racistas promulgadas em casa - e esmagou qualquer resistência com a mesma brutalidade aplicada à oposição na África do Sul.

Foi assim que Andimba Herman Toivo ya Toivo acabou na Ilha Robben. Ele foi, com Sam Nujoma, membro co-fundador da Organização do Povo do Sudoeste Africano (Swapo) e um defensor feroz e intransigente da independência.

“Somos namibianos e não sul-africanos”, disse ele à Suprema Corte durante o seu julgamento em Pretória em 1967-1968, cuja actividade política lhe rendeu uma acusação sob a Lei do Terrorismo. “Não reconhecemos agora e não reconheceremos no futuro o vosso direito de nos governar, de fazer leis para nós nas quais não temos voz, de tratar o nosso país como se fosse vossa propriedade e a nós como se fossem os nossos mestres. ”

A veia independente de Ya Toivo se manifestou na prisão, onde ele se recusou veementemente a cooperar com os carcereiros, mesmo que isso significasse menos privilégios.

“O Andimba não estava preocupado com isso. Ele não queria ser promovido e não cooperava com as autoridades em quase tudo”, lembrou Nelson Mandela, que passou uma década com ele na mesma secção da prisão de Robben Island.

Ya Toivo recusou-se a reclamar das más condições e abusos, não querendo reconhecer de forma alguma a autoridade de um governo ilegítimo.

Quando a sua sentença foi comutada, em 1984, ele se recusou a deixar a sua cela enquanto outros namibianos ainda estavam atrás das grades. Os guardas da prisão eventualmente o enganaram para fora da cela e trancaram a porta para garantir que ele não pudesse voltar.

Ya Toivo viveu para ver seu sonho de independência se tornar realidade e assumiu vários cargos no Governo antes de se aposentar da política em 2006. A sua morte, na semana passada, aos 92 anos, foi lamentada em toda a Namíbia.

A África do Sul também deveria se lembrar de um herói da libertação cuja luta estava tão intimamente ligada à nossa.



Swapo Party Archive and Research Centre

Presidente fundador Samuel Shafiqshuna Nujoma e Andimba Toivo ya Toivo no regresso à Namíbia Centro de Pesquisa e Arquivo do Partido Swapo

Sam Nujoma, primeiro presidente da Namíbia

“Os estados africanos devem cooperar e coordenar todos os esforços para consolidar a independência e fortalecer a unidade e que os vastos recursos da África sejam usados pelos africanos para garantir o progresso e a autodeterminação económica do continente.”



30 de Setembro de 1966



Chefe Seretse Khama, Presidente fundador do Botswana

“Sempre acreditei que a Bechuanalândia, por mais pequeno que seja, tem um papel a desempenhar na África Austral e no conflito desnecessário entre negros e brancos. As propostas que apresentei são para o estabelecimento de uma sociedade não racial na qual cada indivíduo terá direito igual de expressão e de oportunidade, independentemente de sua raça ou cor”.

Os países da Linha de Frente contra o apartheid na África do Sul eram vulneráveis às suas pressões, tanto económicas como militares. O Botswana importava a maior parte dos seus alimentos e outros suprimentos da África do Sul, e as famílias são compartilhadas através das fronteiras com a África do Sul, Namíbia e Zimbábue. Apesar de sua vulnerabilidade, o Presidente Seretse Khama foi um firme defensor da libertação da África Austral, e os participantes, bem como os refugiados e exilados, passaram por ela, e alguns movimentos de libertação tiveram escritórios e acampamentos discretos no Botswana.

Nas reuniões dos Estados da Linha da Frente, o Presidente, *Mwalimu* Nyerere, referia-se sempre respeitosamente ao seu colega como “Chefe” e sempre o considerava um mentor dos Estados da Linha da Frente. Khama considerou a possibilidade de pedir à China que construísse uma linha férrea de Francistown a Kapiri Mposhi, na Zâmbia, para se ligar com a linha férrea da liberdade, a TAZARA, mas foi persuadido pelas autoridades de que a África do Sul poderia considerar isso um acto hostil!

O maior desafio foi geração Soweto quando os estudantes saíram da África do Sul em 1976 e 1977 e, sendo principalmente crianças da cidade dos distritos que prosperaram na acção, inundaram as ruas e a vida noturna de Gaborone, até que isso foi finalmente controlado pelo ANC, que os transferiu para a Tanzânia, Nigéria e outros países para educação ou treinamento. O Botswana era vulnerável a ataques e, quando o apartheid começou a se sentir ameaçado na África do Sul, eles invadiram e destruíram os esconderijos do ANC no Botswana, matando os habitantes.

Para Thami Mnye...
...você merece um poema da vontade do homem
a nação dos hinos de aço
ou fotos da guerra de vitórias
eu te devo a imortalidade
a respiração dos heróis
deixe Gaborone ser o emblema
a menta da posteridade...
— Zinjiva Nkondo —

ANC, *Rixaka* 2, 1986

Dois Reinos na luta

O Rei Sobhuza II do Reino de Eswatini (Swazilândia) e o Rei Moshoeshoe II do Reino do Lesotho permitiram que os seus países fossem usados como locais de trânsito e refúgio, especialmente para o ANC da África do Sul. Ambos os Reis eram antiapartheids e apoiantes activos da libertação, mas não assumiam isso publicamente devido à vulnerabilidade dos seus países em relação à África do Sul. Exilados da região juntaram-se à Universidade do Lesotho e criaram o Instituto de Estudos da África.



Swazilândia 6 de Setembro de 1968



Lesotho 4 de Outubro de 1966

O Rei Sobhuza II, chefe supremo, e Rei da Swazilândia durante 82 anos, foi premiado pela África do Sul pós-apartheid pela sua “contribuição excepcional” na luta contra o apartheid através do apoio ao movimento de libertação. Ele acolheu o ANC sul-africano para usar Manzini como a sua base de operações na década de 1980

O Rei Moshoeshoe II foi o Chefe Supremo e Rei do Lesotho. Ele contribuiu bastante na luta contra o apartheid ao apoiar o movimento de libertação e, assim, atrair pressão económica e militar sobre seu país. Devido a restrições comerciais e outras pressões, iniciou uma campanha contra as sanções impostas pela África do Sul aos seus vizinhos.



Dia da Liberdade 27 de Abril de 1994

Oliver Tambo e Nelson Mandela abriram um escritório de advocacia chamado Mandela and Tambo, o primeiro escritório negro de advogados na África do Sul, fundado em 1952 e operando na Chancellor House, o prédio que abrigava a sede do ANC, agora transformado em museu e arquivo.

A história da luta sul-africana contra o apartheid, apoiada por seus vizinhos e toda a África e, eventualmente, a maior parte do mundo, preenche muitos livros e sites. Abaixo estão alguns destaques.

DNC - Robben Island, Agipbyeye, Arquivo



Apartheid é uma palavra africâner que significa “separação” e foi introduzida na África do Sul em 1948, depois do Partido Nacional ter vencido as eleições parlamentares nas quais apenas os brancos podiam votar ou concorrer às eleições. As leis do apartheid obrigavam diferentes grupos raciais a viver separadamente e de forma desigual, tornando ilegal toda integração social entre grupos raciais, inclusive o casamento. Durante o apartheid, ter amizade com alguém de uma raça diferente causava suspeita ou prisão, e a maioria da população sofria opressão, restrição e discriminação, bem como perda de terras e propriedades, direitos humanos, famílias e vidas. O apartheid pode ter parecido semelhante à política de segregação aplicada pelo sistema colonial que existia antes do partido nacionalista africâner chegar ao poder em 1948. No entanto, o sistema do apartheid formalizou a segregação como parte da lei, separou pessoas de forma cruel e forçada e teve um efeito temível por punir aqueles que discordavam.

A África do Sul tornou-se uma potência colonial em 1885 e continuou sob controlo britânico, embora muitos dos colonos europeus fossem fazendeiros holandeses, que se consideravam africanos e ficaram conhecidos como africânderes ou bôeres. Assim, a população branca ficou dividida, com os falantes de inglês controlando a economia e geralmente se sentindo superiores aos fazendeiros bôeres, enquanto ambos desconfiavam dos “africanos, mestiços e asiáticos”.

A Liga da Juventude do Congresso Nacional Africano (ANCYL) foi criada em 1944, quatro anos antes do Partido Nacional chegar ao poder, por Anton Lambede, que foi o primeiro presidente, Ashley Mda, Walter Sisulu, Oliver Tambo e Nelson Mandela.

A Liga da Juventude foi formada como uma estrutura do ANC, o mais antigo movimento formal de libertação, criado a 8 de Janeiro de 1912, liderado por John Dube e mais tarde pelo chefe Albert Luthuli, Oliver Tambo, que foi o presidente mais antigo (1967-1991) e Nelson Mandela. O ANC foi fundado na Waaioek Wesleyan Church, em Bloemfontein, por Dube, Josiah Gumede, Pixley ka Isaka Seme e Sol Plaatje, e foi então chamado de Congresso Nacional dos Naturais Sul-Africanos (SANNAC).

As mulheres tiveram que lutar por seu espaço no movimento de libertação e por muito tempo as mulheres não eram membros plenos, mas se juntaram à Liga das Mulheres Bantu sob a liderança de Charlotte Maxeke. As mulheres foram aceites como membros do ANC na conferência de 1943 e a Liga Feminina do ANC foi formada logo depois.



Nelson and Winnie Mandela



Walter Sisulu



Oliver Reginald (OR) Tambo



Chief Albert Luthuli

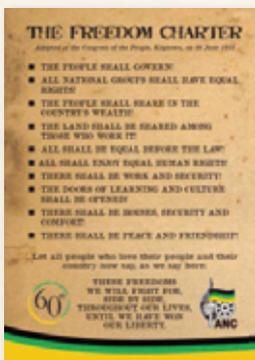


Charlotte Mannyha Maxeke

NON-WHITE ONLY

BLACK COLONISED & ASSIMILATED
ANTI-RACIAL ALIENATION
EN ASERIA

WHITE AREA
BLANKE GEBIED



Principais Títulos da Carta

#ancylw82

Memorial da Carta em Kliptown, Soweto

Após a Campanha de Desafio de 1952, na qual mulheres e os jovens desempenharam um papel activo na organização, começou a desenvolver-se a Carta da Liberdade como resposta a um governo cada vez mais repressivo. O ANC enviou 50.000 voluntários aos municípios e ao campo para recolher “exigências de liberdade” do povo da África do Sul. A Liga das Mulheres e a Liga da Juventude desempenharam um papel activo na recolha de opiniões de membros e apoiantes. Os resultados foram sintetizados no documento mostrado acima e adoptado a 26 de Junho de 1955 por uma reunião de 3.000 pessoas no Congresso do Povo em Kliptown, Soweto.

A Carta da Liberdade foi uma declaração de princípios fundamentais da Aliança do Congresso Sul-Africano, que era composta pelo Congresso Nacional Africano (ANC) e seus aliados: o Congresso Indiano Sul-Africano, o Congresso Sul-Africano de Democratas e o Congresso dos Povos de Cor. Caracteriza-se pela sua exigência inicial: “O Povo Governará!” O documento foi uma grande ruptura com as tradições anteriores da luta; não como um movimento de direitos civis que procura ser acomodado nas estruturas existentes da sociedade, mas como um apelo por uma reestruturação fundamental para uma África do Sul não racial.

A Carta da Liberdade, que foi um documento radical e subversivo na sua época, circulou na clandestinidade e inspirou uma geração de jovens militantes, dentro e fora do país. Quando o ANC chegou ao poder após as eleições democráticas em 1994, a nova Constituição da África do Sul incluiu muitos dos direitos expressos na Carta da Liberdade.

9 de Agosto (agora Dia Nacional da Mulher) é a data que, em 1956, mais de 20.000 mulheres sul-africanas de todas as raças marcharam na Union Building, em Pretória, para protestar contra as duras leis raciais do regime do apartheid que visavam aumentar o controlo sobre o movimento de mulheres negras nas áreas urbanas, exigindo que elas sejam portadoras de passes. A marcha foi organizada pela Federação das Mulheres Sul-Africanas e pela Liga Feminina do ANC. As mulheres viajaram de todo o país de comboio em vez de autocarros, para evitar bloqueios policiais. Ficaram em completo silêncio por um longo período, antes de começarem a cantar, e após apresentarem o seu abaixo-assinado com 100.000 assinaturas, se dispersaram.

Assassinato na Delegacia da Polícia de Sharpeville A 21 de Março de 1960.
69 Mortos e 180 feridos. Homens, mulheres e crianças.

Oliver Reginald (OR) Tambo, um dos fundadores da Liga Juvenil do ANC, tornou-se Secretário-Geral interino do ANC em 1954, depois que Walter Sisulu foi banido, e desde 1958 ele foi vice-presidente do ANC. Ele foi designado para deixar o país em 1960 e ir para a Europa para mobilizar apoio internacional quando o ANC, PAC e SACP foram banidos depois do massacre de Sharpeville. Ele foi nomeado presidente do ANC em 1967, após a morte do chefe Luthuli.



Godfrey Rubens (pintor e fotógrafo)

A polícia abriu fogo contra uma marcha pacífica contra o Passe organizada pelo Congresso Pan-Africanista, resultando no Massacre de Sharpeville. O fundador e presidente do PAC, Robert Sobukwe, foi condenado à prisão e, posteriormente, à restrição e prisão domiciliar.



Umkhonto weSizwe (MK) foi criado como o braço armado do ANC a 16 de Dezembro de 1961, depois da liderança ter decidido mudar de tática, pois as campanhas de resistência passiva e “não-violência” foram recebidas com violência, e o ANC, PAC e o Partido Comunista Sul-africano (SACP) foram banidos. As mulheres permaneceram na clandestinidade em Soweto e em outros lugares, e continuaram a se organizar sob pesadas restrições de segurança. No começo, o MK era composto principalmente por homens, mas depois, quando o treinamento militar ocorreu na região, as mulheres estavam envolvidas.

O Movimento Pan-Africano de Liberdade para a África Oriental, Central e Austral (PAFMECSA) convidou o ANC para participar de sua conferência em Adis Abeba em Fevereiro de 1962, e isso constituiu uma oportunidade de providenciar apoio político e económico e treinamento militar para o MK na Etiópia, e em outros lugares, e conhecer outros movimentos de libertação. Nelson Mandela foi designado para escapar do país e comparecer, embora não tivesse passaporte ou documentos de viagem, e para se encontrar com a Missão Externa do ANC chefiada por Oliver Tambo.

Mandela manteve um diário manuscrito durante a missão de 1962, agora armazenado nos Arquivos Nacionais da África do Sul e publicado online pela SA History Online. A jornada começa com sua primeira entrada na Etiópia a 3 de Janeiro de 1962 e, a última, a 13 de Julho de 1962, pouco antes do seu retorno à África do Sul. Ele oferece uma reflexão sobre uma era de novos estados africanos independentes e aqueles ainda envolvidos na luta armada pela independência. O alinhamento de forças contra o colonialismo e o apartheid na África do Sul surge como um dos principais temas nos escritos de Mandela desse período.

A nível pessoal, esta foi a primeira viagem de Mandela para além das fronteiras do seu próprio país. A 11 de Janeiro de 1962, ele entrou em Bechuanaland (Botswana), controlado pelos britânicos, e de lá voou para Tanganyica e para Addis Abeba para o PAFMECSA, onde se encontrou com Tambo.

Mandela escreveu uma quantidade substancial de detalhes no seu diário que tratava de assuntos militares, e isso permanece como um registo comvente relevante para a memória e o arquivo daquela época. A Etiópia foi o primeiro ponto de contato. As notas de Mandela reflectem com quem ele se encontrou e onde, e como o apoio militar tangível seria fornecido.

A ligação com a Frente de Libertação Nacional da Argélia (FLN), em Marrocos, proporcionou uma experiência chave. Foi na Base de Treinamento de Zegangan, no antigo Marrocos espanhol, que Mandela disparou armas militares pela primeira vez. A FLN transmitiu muito conhecimento da sua experiência vivida e, especificamente, que o objectivo da luta armada não deveria ser derrubar o governo do apartheid pela força. Em vez disso, deveria tratar-se de usar essa tática para liberar as forças políticas mais amplas, forçando assim o governo a ir à mesa de negociações.

De Marrocos, Mandela viajou para Mali, Senegal, Serra Leoa, Libéria e Ghana, onde arrecadou fundos e apoio. Ele visitou Tambo em Londres e voltou a Addis Abeba a 26 de Junho de 1962 para seis meses de treinamento militar. Isso foi interrompido em Julho de 1962, quando o ANC solicitou o seu retorno urgente à África do Sul. Depois de registar o seu treinamento, sua habilidade com as armas e os princípios estratégicos e táticos que adquiriu nas carreiras de tiro ao vivo e nas salas de aula do Exército Etíope, termina o seu diário.

www.sahistory.org.za

Mandela diz no seu livro *Long Walk to Freedom/A Longa Marcha para a Liberdade* que se inspirou na revolução argelina (1954-1962), como o modelo mais próximo da África do Sul na época, pois a FLN enfrentava “uma grande comunidade de colonos brancos que governava a maioria indígena.” Além do conselho militar, foi-lhe dito: “Não negligencie o lado político da guerra ao organizar as forças armadas, especialmente quando a opinião internacional às vezes vale mais do que uma frota de caças a jato”. Argélia, Egipto, Etiópia e outros países africanos forneceram armas e treinamento, passaportes e outras ferramentas para o MK.

Walter Sisulu e Duma Nokwe também deixaram o país sem documentos de viagem em 1953 para visitar o bloco oriental, a União Soviética e a República Popular da China apenas quatro anos após sua própria libertação em 1949.

“Aí percebi verdadeiramente que estava num país governado por africanos.
Pela primeira vez na minha vida, eu era um homem livre...”
Mandela ao chegar a Tanganyica no início de 1962





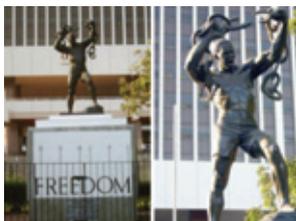
Liliesleaf/Trist

Eu apoio o ideal de uma sociedade democrática e livre na qual todas as pessoas viverão juntas em harmonia e com igualdade de oportunidades. É um ideal pelo qual espero viver e ver realizado. Mas, meu senhor, se for preciso, é um ideal pelo qual estou preparado para morrer". Mandela no julgamento de Rivonia, 1964

... I am prepared to die



Walter Sisulu foi secretário-geral do ANC de 1949 a 1954, sucedido por Tambo, Nokwe e Alfred Nzo. Ele foi detido em Liliesleaf, passou 26 anos na Ilha Robben e foi eleito vice-presidente do ANC de 1991 a 1994. A sua esposa Albertina foi perseguida e presa por organizar uma oposição ao apartheid, e a sua casa era um santuário para a liberdade.



Freedom Statue, Lusaka, Zambia

A mobilização contra o apartheid se espalhou pelo país na década de 1960, apoiada pelos líderes presos e pelo facto de africanos em outros lugares terem negociado e conquistado a independência. Alguns homens voltaram da guerra na Europa na década de 1940 com experiências diferentes e, à medida que as mineradoras recrutavam trabalhadores de países vizinhos, as experiências africanas eram compartilhadas. A alienação da terra continuou à medida que mais terras foram retiradas das comunidades negras para assentamento de fazendeiros brancos, e o sistema de educação separada foi consolidado para construir uma sociedade separada. A resistência cresceu e outra geração de líderes cresceu em mente, corpo e espírito para continuar o trabalho dos presos.



Winnie Mandela

Gale de Ving

O Conselho de Igrejas da África do Sul foi fundado durante um dos períodos mais sombrios da história da África do Sul. O Partido Nacional estava no governo há 20 anos e a sua política de apartheid restringia severamente os direitos, a associação e a circulação das pessoas. As igrejas da África do Sul fizeram pouco esforço para permanecer unidas contra as injustiças do apartheid até a formação do SACC. Como a Comissão da Verdade e Reconciliação observou mais tarde: "Algumas das principais igrejas cristãs deram sua bênção ao sistema de apartheid. E muitos dos seus primeiros proponentes se orgulhavam de serem cristãos. De facto, o sistema de apartheid era considerado como decorrente da missão da igreja". Na reunião inaugural do SACC em 1968, a Mensagem ao Povo da África do Sul declarou que a unidade de todas as pessoas era a vontade de Deus e que "a separação é a mais completa recusa da verdade".

A visão do pan-africanismo cresceu numa nova geração, com a Unidade no seu núcleo, e 32 líderes de países africanos independentes se reuniram em Adis Abeba, Etiópia, para fundar a Organização da Unidade Africana (OUA) a 25 de Maio de 1963, e estabeleceram o seu comité de coordenação para a libertação da África, o Comité de Libertação da OUA, que forneceu materiais e apoio durante 30 anos, sediado na Tanzânia, até que os países africanos, incluindo a África do Sul, reconquistassem a sua liberdade.

Dia da África
25 de Maio de 1963



Father Trevor Huddleston era um padre anglicano que ministrou em Sophiatown e Orlando de 1943 a 1956 e se mobilizou com Helen Joseph, Ruth First e outros contra o Group Areas Act (1950) e as remoções forçadas de pessoas. Mais tarde, ele fundou o Movimento Anti-Apartheid na Grã-Bretanha (1959-1994), que estava no centro do movimento de solidariedade internacional.

Mbuyisa Makhubu carrega Hector Pieterse, de 12 anos, uma das primeiras crianças baleadas na resistência de 1976 à Educação Bantu, comemorada anualmente na África do Sul a 16 de Junho como o Dia da Juventude. Esta imagem icônica do estudante mortalmente ferido foi tirada pelo falecido fotógrafo Sam Nzima, em Orlando West, Soweto. "Eles estavam todos felizes. Eles carregavam cartazes, não armas." Ele foi designado pelo seu jornal *The World* e aparece à direita com sua famosa fotografia que está pendurada no Museu Hector Pieterse em Soweto. A irmã de Hector, Antoinette Sithole, que aparece à esquerda na foto, continua fazendo visitas guiadas ao museu e conta que, 40 anos depois, os alunos visitantes acham a história da manifestação "inacreditável".



Sam Nzima, Hector Pieterse Museum

A inspiração para a liberdade atingiu outro nível em 1975, quando Moçambique e Angola reconquistaram a independência, e o líder da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo), Samora Machel, era um ícone particular nos municípios da África do Sul, com a sua saudação Poder Negro de punho erguido, e seu slogan activo, A luta continua. Moçambique era acessível ao movimento de libertação sul-africano, directamente ou através da Swazilândia, e o fluxo acelerou-se para a capital vizinha, Maputo, com escritórios do ANC lá, bem como na Zâmbia e depois em Angola, um pouco mais afastada por questões de segurança.

Mas em Soweto, a raiva sobre o sistema educacional separado de "Educação Bantu" já estava se espalhando, e a centelha foi a tentativa de introduzir o africâner nas escolas secundárias como língua de instrução. A 16 de Junho de 1976, cerca de 10.000 estudantes marcharam pacificamente para protestar contra a directiva. No caminho, eles foram recebidos por policiais fortemente armados que dispararam gás lacrimogêneo e balas de borracha e, posteriormente, munição real contra os estudantes que se manifestavam. Isso resultou numa revolta generalizada. Enquanto a revolta começou em Soweto, ela se espalhou por todo o país e continuou. www.sahistory.org

Alguns alunos morreram, muitos foram presos e outros foram embora. Em Setembro, os protestos se espalharam por todo o país e os estudantes que partiram para o exílio chegaram aos vizinhos Botswana, Zâmbia e Tanzânia. A constante reconstrução das estruturas internas foi demonstrada por Soweto e a actividade sustentada a partir de então.

Entrevistados em Dar es Salaam em Setembro, Michael e Busani estavam entre os milhares de estudantes sul-africanos que chegaram à Tanzânia em 1976-77 e falaram sobre o que aconteceu:

"O que deu início ao tumulto foi a introdução da língua africâner e o confinamento às escolas africanas. O africâner foi introduzido como língua de ensino em 1972, mas em 1976 foi estendido às escolas africanas. Foi introduzido pela primeira vez na Escola Secundária de Orlando West, e então eles começaram a apresentá-lo a outras escolas no dia a dia. ...Então decidimos que deveríamos protestar contra o africâner, não protestar como um assunto, mas foi introduzido para ser o meio de instrução. Tentamos debater e discutir essa questão. Fizemos algumas reuniões e tentamos decidir como denunciar essa política".

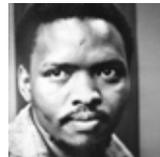
LIBERDADE É UM ESTADO DE ESPÍRITO

A ascensão do Movimento da Consciência Negra (BCM) e a formação da Organização dos Estudantes Sul-Africanos (SASO) elevou a consciência política de muitos estudantes. O BCM foi um movimento popular anti-apartheid que surgiu na África do Sul nos meados da década de 1960 a partir do vácuo político criado pela prisão e banimento da liderança do ANC, PAC e SACP após o massacre de Sharpeville, pedindo uma rejeição desafiadora do apartheid.

No final dos anos 1960, a maioria dos líderes do Movimento de Libertação havia sido presa, banida ou exilada. Um novo conjunto de organizações surgiu para preencher a lacuna. Unidos em torno da "Consciência Negra", eles ajudaram a educar e organizar, principalmente entre os jovens. Steve Biko, líder do BCM, foi uma figura central na mobilização de comunidades contra o apartheid, inicialmente em Eastern Cape na sua comunidade natal de King

Williams Town, até que ele capturou o humor da juventude em todo o país, levando a Soweto e além por inspirando autoconfiança, autoestima e coragem numa geração que viu os seus pais roubados de dignidade, terra, educação e empregos, e maltratados como "rapazes" e "raparigas".

Ele foi considerado uma ameaça à segurança do estado do apartheid, foi preso e torturado, levado inconsciente na traseira de um caminhão de Port Elizabeth a Pretória e morreu devido aos ferimentos a 12 de Setembro de 1977 sob custódia policial. A sua morte e as circunstâncias da sua morte causaram profunda raiva e perda e inspiraram os jovens a manter a sua acção. A visão de Biko era devolver às pessoas a sua verdadeira humanidade e garantir uma vida digna. sahistory.org.za; sbf.org.za; iol.za



Steve Biko



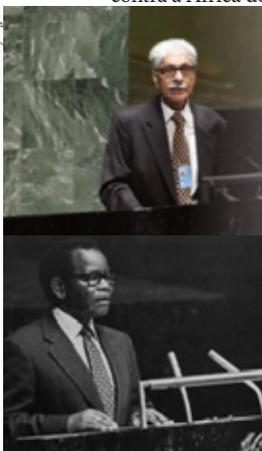
A acção das Nações Unidas legitimou e foi influenciada pelo ímpeto da mobilização popular contra o apartheid. Essa acção foi estimulada por governos, organizações e indivíduos, e por funcionários da ONU como E.S. Reddy e mais tarde Sean McBride, que se dedicaram à liberdade, trabalhando para garantir que a ONU ajudasse a “construir pontes entre os movimentos de libertação e os seus apoiantes em todo o mundo”. E.S. Reddy, da Índia, trabalhou na sede da ONU em Nova York por 35 anos a partir de 1949, e entre 1963-1984 foi secretário principal do Comité Especial Contra o Apartheid e depois Director do Centro Contra o Apartheid. OR Tambo apreciou a sua “devoção e comprometimento contagiantes”, e o activista político irlandês Sean McBride, que trabalhou como Comissário da ONU para a Namíbia de 1973 a 1977 com devoção e comprometimento semelhantes, disse: “Não há ninguém na ONU que tenha feito mais para expor as injustiças do apartheid e a ilegalidade do regime sul-africano do que ES Reddy...” A AGNU declarou 21 de março como o *Dia Internacional para a Eliminação da Discriminação Racial*, como resultado do massacre de Sharpeville. A resposta da ONU a Soweto foi um embargo obrigatório de armas contra a África do Sul em Novembro de 1977.

“A opinião mundial e a acção internacional foram extremamente importantes para a moral dos lutadores pela liberdade da África do Sul”, E.S. Reddy disse quando traçou a história numa declaração pública em 2012.

“A Assembleia Geral da ONU decidiu estabelecer o Comité Especial pela Resolução 1761 a 6 de Novembro de 1962. No dia seguinte, Nelson Mandela, falando do banco dos réus no seu julgamento, disse que os esforços da África do Sul para manter o povo africano em perpétua subordinação devem e irão fracassar, pois a África do Sul estava fora da sintonia com o resto do mundo civilizado, conforme demonstrado pela resolução da Assembleia Geral. ...

“A Resolução 1.761 havia sido aprovada por 67 votos, com 16 contra e 23 abstenções. Nem um único país ocidental votou a favor da resolução. sahistory.org.za

sahistory.org.za



OR Tambo falando na Assembleia Geral da ONU em Nova York, que reconheceu o ANC em 1974 como “um movimento de libertação verdadeiramente representativo”, alimentando assim uma campanha internacional para libertar Mandela. A sua mensagem à comunidade internacional foi clara: “O que queremos em África é que a nossa Humanidade seja reconhecida.”

Campanha global contra o apartheid

Parte da missão de Tambo no exílio era construir o movimento anti-apartheid global, o que ele fez através de redes de pessoas dedicadas na Europa e em outros lugares que foram inspiradas pela liderança de pessoas como Trevor Huddlestone do Movimento Anti-Apartheid e Cannon John Collins do Fundo Internacional de Defesa e Ajuda (IDAF), o Comité Holandês sobre a África Austral (Komitee Zuidelijk Afrika), bem como líderes progressistas como Olaf Palme da Suécia. Uma das primeiras conquistas de Tambo foi forçar o apartheid da África do Sul a sair da Commonwealth em 1961 através de uma frente unida com outras organizações da África do Sul e da Namíbia.



Canon Collins

VI Congresso Pan-Africano

Líderes africanos dentro e fora do continente reuniram-se na Tanzânia em Junho de 1974 para continuar a série de reuniões iniciadas em 1900, quando uma Conferência Pan-Africana foi organizada em Londres por H.S. Williams, advogado de Trinidad, no Caribe, para pedir a unificação dos mercados e um novo cenário político para a África. REDE. Du Bois iniciou mais cinco conferências em vários locais da Europa em 1919, 1921 e 1923, na cidade de Nova York, em 1927, e a quinta em 1945, na Grã-Bretanha, com base na convicção de que os descendentes de africanos em todo o mundo constituem uma comunidade cultural e comunidade política com uma história comum.

Du Bois é amplamente considerado o líder de protesto negro mais importante nos Estados Unidos na primeira metade do século XX. Nascido em Massachusetts, nos EUA, em 1868, mudou-se para o Ghana de Kwame Nkrumah após a independência e lá morreu em 1963 aos 95 anos, tendo definido a sua era, dizendo: “O problema do século XX é o problema da linha de cor”. As primeiras quatro das suas conferências, posteriormente chamadas de Congressos, discutiram a descolonização da África e das Índias Ocidentais, com participação principalmente das elites que puderam viajar. O 5º Congresso Pan-Africano realizado em Manchester atraiu uma nova geração de delegados da classe trabalhadora e dos sindicatos que clamavam pela descolonização imediata.

O 6º Congresso Pan-Africano de 1974, na Tanzânia, foi o primeiro a ser realizado em África e com a participação de estados africanos independentes, e era voltado para o futuro, com três objectivos: aumentar o apoio à luta na África Austral; estimular a cooperação económica; e cumprir o potencial de independência política, incluindo a unidade.

“Acreditamos que o futuro dos africanos reside na plena utilização dos nossos recursos humanos em vez da dependência contínua de empréstimos e donativos do estrangeiro... ser colonizado”.

Tanganyica (mais tarde República Unida da Tanzânia) foi independente por apenas alguns meses, quando o seu então Primeiro-Ministro, Julius Nyerere, permitiu que o ANC estabelecesse centros de trânsito para quadros do MK vindos do treinamento na Europa Oriental, África e Ásia. Os primeiros acampamentos militares foram estabelecidos em 1962 em Kongwa, Mbeya, Bagamoyo e Morogoro, que se tornaram os quartéis-generais do ANC e do MK, mantendo um escritório em Dar es Salaam para fazer a ligação com o Comité de Libertação. Ambos os países eram recém-independentes e fizeram sacrifícios para o seu próprio desenvolvimento na firme crença de que nenhum país da África poderia ser livre até que todos fossem livres. Eles forneceram refúgio e treinamento, abrigo e instalações de transmissão e protecção, enquanto o Comité de Libertação da OUA, estabelecido em 1963, forneceu transporte, aluguer, armas e outro material de apoio fornecido por países da África e de outros lugares. Grupos de solidariedade na Europa e nos Estados Unidos e governos dos países nórdicos no norte da Europa foram activos no fornecimento de assistência técnica, alimentos, roupas e bens não militares. Fundos substanciais foram levantados na Tanzânia, mobilizando pessoas para doar um Tshilling cada para apoiar a libertação dos países vizinhos.

Botswana conquistou a independência em 1966 e, apesar da sua posição entre vizinhos coloniais hostis, permitiu o desenvolvimento de rotas de trânsito, embora Chris Hani tenha sido preso lá após cruzar as operações conjuntas ZAPU-ANC na Rodésia do Sul (Zimbabue) em 1967. Botswana era um percurso de trânsito ainda antes da independência, através de pessoas corajosas no terreno, incluindo cidadãos do Botswana e da África do Sul. Oliver Tambo e Yusuf Dadoo usaram essa rota quando deixaram a África do Sul em 1960, assim como Mandela e outros mais tarde. Batelão Kazungula que cruzava o rio Zambeze para a Zâmbia era conhecida como a “batelão da liberdade”.

A independência de Moçambique e Angola em 1975 alterou o equilíbrio de forças na África Austral, dando ao movimento de libertação um melhor acesso a campos de treino e rotas de infiltração, ao mesmo tempo que removeu a “zona tampão” que dava protecção ao regime do Apartheid dos vizinhos que apoiavam o ANC e do MK. Os membros destas organizações poderiam cruzar para o país, levando a frente de batalha pela libertação africana mais perto da África do Sul. A independência de Angola em 1975 sob a liderança do MPLA abriu caminho para outros movimentos de libertação estabelecerem bases para treinamento militar, incluindo ANC, ZAPU e SWAPO. A Sede Central de Operações do MK foi estabelecida em Angola em 1976, e um comandante regional foi nomeado.

Depois de Soweto, “os jovens vinham às centenas para treinamento militar”, disse Tambo. “Não tínhamos instalações, mas tivemos que nos organizar e dar formação.”

MAZIMBU foi criado perto de Morogoro em terras fornecidas pelo governo da Tanzânia em 1977 para fornecer refúgio, educação e treinamento para os jovens que deixaram a África do Sul em grande número depois de Soweto, e para acomodar famílias exiladas de quadros do ANC e MK, fornecendo alojamento, ensino primário e secundário escolas, com uma quinta, uma fábrica de móveis e uma oficina mecânica. O Centro de Desenvolvimento de Dakawa foi outro assentamento do ANC de 1982-1992. Grupos externos de solidariedade forneceram apoio, assim como a Tanzânia, e a Comissária Regional de Morogoro, Anna Abdalla, foi fundamental na organização do apoio, resolução de conflitos, garantia de segurança e outras necessidades.

O **SOLOMON MAHLANGU FREEDOM COLLEGE (SOMAFCO)** foi criado em Mazimbu, em homenagem a um jovem de 23 anos que deixou a África do Sul depois de Soweto para ingressar no MK e, após o treinamento, retornou um ano depois num grupo carregando armas, munições, explosivos e panfletos do ANC. Ele foi preso num tiroteio com a polícia em Johannesburg e, após um emocionante julgamento de seis meses que chamou a atenção internacional, foi executado a 6 de Abril de 1979. Ele se tornou um símbolo de liberdade. Em 1992, depois dos exilados retornaram à África do Sul, o ANC fechou a SOMAFCO e os assentamentos foram formalmente devolvidos à Tanzânia por OR Tambo. A Faculdade de Ciências e Educação Solomon Mahlangu é agora uma faculdade da Universidade Sokoine de Agricultura em Morogoro, com quase 2.000 alunos fazendo cursos de graduação e pós-graduação.



“Diga ao meu povo que eu os amo e que eles devem continuar lutando. Meu sangue alimentará a árvore que produzirá os frutos da Liberdade. A luta continua.”





Exposição no Museu Nacional da Tanzânia homenageia Nyerere e a Tanzânia na libertação da África. A cor Azul mostra os Estados da Linha de Frente, a cor Vermelha mostra os Estados Liberados, 1979. Moçambique e Angola são mostrados como libertados e também Estados da Linha de Frente.

Em Abril de 1980, o Zimbábue alcançou a independência liderado pelo movimento de libertação nacional e imediatamente abriu o acesso ao ANC, albergando escritórios e fornecendo vias de acesso à África do Sul. O representante-chefe do ANC, Joe Nqabi, foi assassinado em 1981 na sua garagem. Seguiu-se o bombardeamento dos escritórios do ANC. O novo governo do Zimbábue prometeu apoio “para a luta justa”.

Nove estados maioritários na região formaram a Conferência de Coordenação do Desenvolvimento da África Austral (SADCC) em Abril de 1980, resultado de reuniões nos três anos anteriores. Assim, a dinâmica regional mudou novamente na década de 1980, quando os três Estados originais da Linha de Frente passaram a contar com a integração de Moçambique e Angola depois de 1975, e do Zimbábue em 1980, para a formação da SADCC. Estes Estados convidaram o Lesotho, a Swazilândia e o Malawi. A sua declaração fundadora, a Declaração de Lusaka, foi intitulada “África Austral: Rumo à Libertação Económica”.

Nas eleições da independência do Zimbábue, o candidato apoiado pelo apartheid da África do Sul não teve um bom desempenho, apesar da expectativa de uma “constelação” de estados na região.

O apoio ao movimento de libertação na África do Sul foi definido como um “ataque total” e a sua resposta visava interromper o desenvolvimento dos países vizinhos através de acções económicas, políticas e militares numa guerra não declarada. Isso começou após a independência de Moçambique e Angola em 1975, e escalou durante a década de 1980 até a batalha de Cuito Cuanavale no sul de Angola e a independência da Namíbia em 1990 marcou o fim do domínio militar sul-africano.

Na década de 1980, o apartheid da África do Sul invadiu e atacou Angola e a Swazilândia, as capitais do Lesotho, Botswana, Moçambique e Zâmbia; os grupos dissidentes apoiados; os fornecimentos de petróleo obstruídos para os seis países; e as linhas férreas atacadas, interrompendo as rotas de transporte; e o bloqueou o Lesotho, criando condições para o golpe de Janeiro de 1986. O ano de 1986 foi um turbilhão dentro e fora do país, com a escalada da acção no interior e as retaliações contra os vizinhos atingindo o clímax com a morte de Samora Machel a 19 de Outubro de 1986 num acidente de avião em Mbuluzini, na África do Sul, amplamente acreditado de ter sido causado por um farol falso colocado, guiado e monitorado pelas forças de segurança do apartheid, conforme demonstrado por evidências circunstanciais consideráveis e testemunhos emergentes. Mas isso não impediu a luta para acabar com o Apartheid.



Samora Machel

A guerra dentro da África do Sul abrangia toda a região da África Austral... Sem acabar com o apartheid não haverá paz na região...

Rev. Frank Chikane, Desestabilização da Região pela África do Sul

Os acordos de não agressão assinados pela África do Sul no início dos anos 80 não foram implementados por nenhuma das partes, levando as autoridades do apartheid a decidirem, à medida que a África do Sul se tornava cada vez mais ingovernável, que Samora Machel, que era um herói nos municípios, deve ser removido, permanentemente. A África do Sul já havia tentado assassiná-lo antes e isso foi anunciado várias vezes anteriormente, mostrando o erro de cálculo de que a morte de qualquer pessoa, incluindo um presidente, poderia impedir a libertação da Namíbia e da África do Sul. Em vez disso, a sua morte foi uma inspiração para uma acção maior. A independência das ex-colónias portuguesas trouxe a frente de batalha para mais perto do coração do privilégio branco. A revolta de Soweto seguida pelo embargo de armas da ONU e as acções do MK levaram ao declínio económico e à fuga de capital estrangeiro, aprofundando assim a crise.

África na luta pela liberdade na África do Sul

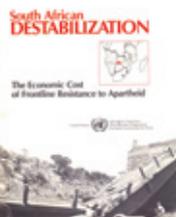
Em 1994, a África do Sul tornou-se o último país da África Austral a ser libertado do colonialismo e do apartheid. Como na Tanzânia e no resto da região, o espírito de resistência remonta aos dias em que as gerações anteriores lutavam por liberdade e justiça contra os colonizadores que tomavam suas terras. A guerra foi travada nos municípios e nas ruas da África do Sul e em toda a região.

Através da acção económica e militar, o regime do apartheid prejudicou o desenvolvimento regional e derrubou filhos e filhas, como Samora Machel e outros. A região perdeu infraestrutura a um custo de US\$ 60 bilhões entre 1982-1988 em custos diretos e perdeu desenvolvimento do qual ainda está se recuperando, e 1,5 milhão de vidas foram perdidas, de acordo com um estudo da ONU sobre “O custo económico da resistência da linha de frente ao apartheid”.

Na ONU, isso se tornou uma batalha global contra o racismo, o ódio e a exclusão. O custo da liberdade era alto. Isso torna muito doloroso quando os africanos são tratados como estrangeiros na África do Sul.



R.F. Green, S.G. Meade, D. Mariani, P. Johnson, SADC para a Frente-Terça, Imagens da ONU / UNICEF, 1989



O sistema estatal de apartheid na África do Sul terminou através de uma série de negociações directas entre 1990 e 1993, reuniões iniciais fora do país entre o ANC e importantes empresários em 1985 e a conferência de Kabwe que reelegeram OR Tambo como presidente, elegeu Mandela como vice-presidente, e apoiou o avanço para as negociações. PW Botha disse na sua conferência do Partido Nacional em Agosto que “hoje estamos a atravessar o obstáculo” e “não há como voltar atrás”, mas não propôs nenhuma mudança no apartheid. O ANC respondeu de Lusaka que “a luta armada deve e será intensificada”. Botha renunciou ao cargo de presidente estadual em 1989 e foi substituído por F.W. de Klerk, que negociou com o ANC e outros acordos para acabar com o sistema estadual de apartheid.

Um indicador de progresso foram os pequenos passos na libertação lenta dos prisioneiros de Rivonia e na transferência de Nelson Mandela de Pollsmoor para a Prisão Victor Verster em Paarl em 1988, enquanto as negociações continuavam.



Salim Ahmed

SALIM AHMED SALIM foi o Secretário-Geral mais antigo da OUA, eleito três vezes (1989-2001). Ele administrou o apoio continental para os últimos estágios de descolonização da Namíbia e transição para uma África do Sul pós-apartheid, e administrou a transformação da OUA em União Africana, que foi lançada em Durban em 2002. Ele foi conferido com o primeiro Prémio Filho da África da UA, juntamente com Hashim Mbita, em 2014. Ele era o embaixador mais jovem do mundo quando foi nomeado aos 22 anos em 1964. Serviu no Egito, Índia, China e Cuba, e nas Nações Unidas em Nova York onde actuou durante uma década, representando a Tanzânia. Ele foi um líder do grupo da África que fez lobby e conquistou a adesão da República Popular da China à ONU em 1971, foi eleito presidente do Conselho de Segurança em 1976 e presidente da Assembleia Geral em 1979. Mais tarde, ele serviu como Ministro da Defesa e das Relações Exteriores, e Primeiro Ministro da Tanzânia.

A 2 de Fevereiro de 1990, de Klerk anunciou o fim do banimento do ANC, PAC, SACP e outras organizações antiapartheid, suspensão da pena de morte, libertação de alguns presos políticos e flexibilização das restrições à mídia. Mandela foi libertado da prisão a 11 de Fevereiro de 1990 para uma recepção vasta e arrebatadora por multidões na Prefeitura da Cidade do Cabo. Ele recebeu o seu primeiro passaporte sul-africano uma semana depois e o usou para visitar o executivo do ANC na Zâmbia com Walter Sisulu e outros. Ele foi à Suécia para se encontrar com OR Tambo, mas voltou para casa mais cedo quando as negociações com Pretória foram canceladas devido ao assassinato de manifestantes em Sebokeng.

O primeiro grupo de líderes externos voou directamente da Zâmbia para a África do Sul em Abril de 1990, incluindo Joe Slovo, Thabo Mbeki, Alfred Nzo, Ruth Mompati e outros, e os contactos começaram na residência oficial do Presidente do Estado na Cidade do Cabo, levando ao Groote Schuur Minuto a assumir um compromisso comum para o processo de negociações. Em Agosto, de Klerk concordou com Minuto de Pretória após 14 horas de negociações, e o ANC concordou em suspender a luta armada no interesse de chegar a um acordo político, mas manteve a sua rede clandestina, a Operação Vula, que havia sido estabelecida para dar direcção estratégica, pressionar as negociações e se preparar se as negociações fracassarem.

O ANC com a UDF e COSATU se reuniu com o presidente de Klerk para discutir a violência, e o ANC reuniu-se com o Inkatha Freedom Party em Durban. Oliver Tambo voltou para casa antes do final do ano, e o ANC realizou a sua primeira Conferência Consultiva na África do Sul, declarando 1991 “um ano de acção em massa”. Tambo era presidente do ANC desde 1963 e renunciou a esta conferência porque agora não estava bem, tendo colocado toda a sua energia na liderança da libertação do país. Ele foi substituído como presidente do ANC por Nelson Mandela, com Walter Sisulu como vice. Esses ex-líderes da Liga da Juventude se tornaram líderes do movimento internacional para acabar com o apartheid, de fora do país e da prisão.

O Comité Ad-hoc da OUA sobre a África Austral reuniu-se no Zimbábue em Agosto de 1989 para analisar a situação na África do Sul e emitiu a Declaração de Harare, que se tornou um marco fundamental no caminho para a mudança. A Declaração de Harare apresentou um Plano de Acção acordado por toda a África que incluía uma Declaração de Princípios e estabeleceu o Clima para as Negociações – libertar os prisioneiros políticos, suspender as proibições, retirar as tropas de distritos, acabar com o estado de emergência e cessar as execuções políticas. A África deu todo o seu apoio ao movimento de libertação para iniciar as negociações, começando com um acordo sobre um cessar-fogo mutuamente vinculativo, depois o mecanismo para redigir uma nova Constituição.

Harare Declaration: Declaration of the OAU Ad-hoc Committee on Southern Africa on the question of South Africa

21 August 1989 Harare, Zimbabwe

Preamble

1. The people of Africa, singly, collectively and acting through the OAU, are engaged in serious efforts to establish peace throughout the continent by ending all conflicts through negotiations based on the principle of justice and peace for all.
2. We reaffirm our conviction, which history confirms, that where colonial, racial and apartheid domination exists, there can neither be peace nor justice.
3. Accordingly, we reiterate that while the apartheid system in South Africa persists, the peoples of our continent as a whole cannot achieve the fundamental objectives of justice, human dignity and development which are the basis of the fundamental and inalienable rights of all peoples.



Nelson e Winnie Mandela após sua libertação da prisão em 11 de fevereiro de

Dentro do país, 92 organizações unidas na sua oposição ao apartheid reuniram-se em Durban em Outubro de 1991 para consolidar a sua posição de negociação, e a Convenção para uma África do Sul Democrática (CODESA) foi inaugurada a 21 de Dezembro de 1991 no World Trade Center em Joanesburgo. Um total de 228 delegados de 19 partidos políticos estiveram presentes. Nelson Mandela, então presidente do ANC, dirigiu-se aos delegados, assim como Chris Hani, Secretário-Geral do SACP. O principal negociador era Cyril Ramaphosa, eleito Secretário-Geral do ANC em 1991, vindo do movimento sindical. Esta foi a equipe que liderou o ANC nas negociações até 1994.

Quando estávamos a lutar aqui, a África do Sul ainda sob o apartheid, e você sendo um desestabilizador dos seus vizinhos em vez de trabalhar junto com eles para desenvolver o nosso continente, é claro que era uma coisa diferente. Foi uma coisa terrível. Aqui estava uma poderosa África do Sul, e esse poder era uma maldição para nós... era uma ameaça para os seus vizinhos, mas isso mudou. A África do Sul é democrática. A África do Sul não está mais tentando destruir os outros. A África do Sul está agora trabalhando com os outros... Mwalimu Nyerere ao Parlamento Sul-Africano, Cidade do Cabo, 16 de Outubro de 1997



De Klerk enfrentou desafios quando informou o Parlamento em Fevereiro de 1992 e disse que poderia provar que tinha a confiança da comunidade africâner e de outros através de um referendo, alertando o seu eleitorado de que um voto "Não" estenderia o isolamento internacional do país. No último referendo apenas para brancos, a 17 de Março de 1992, eles votaram no "Sim".

A CODESA 2 foi inaugurada a 15 de Maio de 1992, com dois principais pontos críticos - a dissolução do MK e o papel da Corporação sul-africana de Radiodifusão. A maioria das questões foram resolvidas, mas não conseguiram chegar a um consenso, e declararam um impasse, causando consternação dentro e fora do país, incerteza política e violência, tornando-se imperativa a retomada das negociações. As negociações começaram alguns meses depois no Processo de Negociação Multipartidária, com técnicos ajudando a resolver divergências e a criar condições para eleições democráticas realizadas em Abril de 1994. Desta vez, os partidos que boicotaram a CODESA e o Inkatha Freedom Party que se retirou, participou do acordo.



Este delicado período de negociações quase desmoronou com o assassinato do ex-chefe de gabinete do MK, Martin "Chris" Thembisile Hani, uma figura popular que liderou o SACP nas negociações. Ele foi assassinado em Boksburg a 10 de abril de 1993. Duas semanas depois, durante a madrugada de 24 de Abril de 1993, Oliver Reginald Tambo faleceu após uma longa doença. A sua legenda cita as suas próprias palavras: *É nossa responsabilidade quebrar as barreiras da divisão e criar um país onde não haverá brancos nem negros, apenas sul-africanos, livres e unidos na diversidade.*



Walvis Bay - retorno à Namíbia. A reintegração do porto de Walvis Bay na Namíbia em 1994, quatro anos após a independência, envolveu negociações prolongadas. A Lei da Transferência de Walvis Bay para a Namíbia foi aprovada pelo Parlamento da África do Sul, os dois países assinaram um tratado e a África do Sul transferiu formalmente a soberania de Walvis Bay e das Ilhas Penguin para a Namíbia a 1 de Março de 1994.

As primeiras eleições democráticas foram realizadas a 27 de Abril de 1994, Mandela foi empossado como presidente a 10 de Maio e a África do Sul participou das Cimeiras anuais da OUA e da SADC algumas semanas depois. A SADCC formada em 1980 por nove países independentes, com base numa visão de integração regional, foi transformada em Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC) em 1992 em Windhoek, após a independência da Namíbia. Outros juntaram-se mais tarde para formar 16 Estados Membros da SADC. A estrutura de segurança foi mantida, com base na iniciativa dos Estados da Linha da Frente para respostas rápidas e flexíveis, e passou a ser o Órgão da SADC para a Cooperação em matéria de Política, Defesa e Segurança, concebido em 1996 e no âmbito do Secretariado, com um plano estratégico próprio alicerçado na perspetiva de que a paz e a segurança são essenciais para o desenvolvimento económico.



A Ordem de Mapungubwe em Platina

Oliver Reginald Kaizana "OR" Tambo (Póstumo) Premiado por: Suas excepcionais e notáveis habilidades de liderança, ao liderar uma luta militante pela liberdade, por liderar uma campanha internacional para isolar o apartheid, por ser a cola que manteve o Congresso Nacional Africano (ANC) unido no exílio, na luta pela criação de um Estado não racial na África do Sul, não segregacionista, livre, justo e democrático, que é de todos os que nela vivem.



Thabo Mbeki foi eleito vice-Presidente do ANC em 1994 e mais tarde tornou-se Presidente da África do Sul 1999-2007. Este é um trecho da sua declaração eloquente à Assembleia Constituinte na adopção do Projecto de Lei da Constituição a 8 de Maio de 1996, conforme registado no Hansard. Simbolicamente, o Presidente Mandela posteriormente assinou a primeira Constituição pós-apartheid em Sharpeville, em homenagem a todas as pessoas que perderam suas vidas na luta contra o apartheid.



Thabo Mbeki

EU SOU UM AFRICANO

Devo meu ser às colinas e aos vales,
as montanhas e as clareiras,
os rios, os desertos, as árvores, as flores,
os mares e as épocas em constante mudança
que definem a face da nossa terra natal. ...

Por causa disso,
Eu também sou capaz de afirmar esta verdade fundamental
que
Nasci de um povo de heróis e heroínas.
Nasci de um povo que não toleraria a opressão.
Eu sou de uma nação que não permitiria esse medo da
morte,
de tortura, prisão, exílio ou perseguição
deve resultar na perpetuação da injustiça. ...

Eu sou um africano.
Nasci do povo do continente africano.

África reafirma que continua
ela renasce das cinzas.

Quaisquer que sejam os contrastes do momento,
nada pode nos parar agora!

Quaisquer que sejam as dificuldades, a África estará em paz!



O Comité de Coordenação para a Libertação da África do domínio colonial e do apartheid foi um dos primeiros actos dos líderes africanos na reunião inaugural da Organização da Unidade da África (OUA) em Maio de 1963. O Comité de Libertação foi oficialmente dissolvido 31 anos depois, após O

presidente Mandela da África do Sul ter tomado o seu assento na cimeira africana anual. A história da libertação é contada nos procedimentos oficiais do encerramento do Comité de Libertação que ocorreu em Arusha, Tanzânia, a 15 de Agosto de 1994. O relatório é dedicado à "bravura dos lutadores pela liberdade da África, especialmente à memória daqueles que não viveram para ver o alvorecer desta era em África. Este é um tributo à sua coragem, uma saudação aos heróis e heroínas da libertação africana, incluindo os numerosos combatentes desconhecidos da Luta de Libertação Africana."

O discurso principal foi proferido por Mwalimu Nyerere na Sessão Especial do Comité de Libertação, que estava sediado na Tanzânia desde 1963 e agora declarou que a sua missão foi cumprida.

"Os Pais Fundadores da Organização da Unidade Africana estabeleceram dois objetivos: a libertação total da África do colonialismo e do domínio da minoria racial, por um lado, e a unidade da África, por outro. ... Com o acto de extinção deste comité, estamos a comemorar a conquista desse objetivo, pois quando a África do Sul foi admitida como membro da OUA e mais tarde, um membro da nossa geração de pais da liberdade, o presidente Nelson Mandela, assumiu o seu assento na cimeira de Tunis, em Junho de 1994, para representar uma África do Sul democrática, pós-apartheid e não racial, o primeiro objectivo dos Pais Fundadores foi alcançado.

"O nosso continente foi totalmente libertado do colonialismo e do domínio da minoria racial."

O sucesso do Comité de Libertação transformou a face do continente, e agora o foco pode mudar da independência política para o desenvolvimento socioeconómico.

"Precisamos de unidade. Sem unidade não há futuro para o nosso continente. Nós sabemos.

As notícias de cada dia demonstram os problemas de África e a forma como o mundo exterior pode ignorar a África ou interferir à sua vontade em África.

Precisamos de unidade para segurança e estabilidade. Precisamos disso para tornar real aquela libertação política total da África que agora celebramos.

Precisamos dela para reduzir a nossa dependência de poderes externos.

Precisamos de unidade para poder ocupar o nosso lugar de direito na governança do mundo - para ser ouvido e respeitado, não lamentado ou desconsiderado porque somos fracos e divididos. Precisamos de união para poder contribuir para o

aumento do bem-estar da humanidade da qual fazemos parte".

J.K. Nyerere at closure of OAU Liberation Committee, 1994



Mwalimu Julius Nyerere

Mwalimu, Tanzania

Hashim Mbita foi Secretário Executivo do Comité de Libertação da OUA de 1972 a 1994. Ele destacou-se como um herói da luta de libertação na África e era profundamente respeitado pelos seus princípios e dedicação. A sua vida e obra tocaram a todos os africanos, residentes na África ou fora dela, quer eles saibam disso ou não. O Brigadeiro-General Mbita foi homenageado pela SADC, conferido com a medalha Sir Seretse Khama da SADC, e pela União Africana com o seu primeiro prémio Filho da África, e muitos prémios nacionais de países africanos agradecidos, livres e independentes. Ele resolveu desafios para os outros e comemorou as suas conquistas, mas nunca assumiu nenhum crédito para si mesmo. Ele disse que ele e o seu país estavam "apenas cumprindo o seu dever".

O Comité Libertação era composto pela Argélia, Etiópia, Guiné, Congo (RDC), Nigéria, Senegal, Tanganica, Egipto e Uganda, e estava sediado em Tanganica (Tanzânia) com a responsabilidade de harmonizar a assistência e administrar o Fundo Especial. O primeiro secretário executivo foi Sebastian Chale 1964-1968 e George Magombe 1968-1972. Eles trabalharam em estreita colaboração com o general Mrisho Sarakikya, o primeiro comandante da Força de Defesa do Povo da Tanzânia (TPDF) 1964-1974 para acolher e treinar os quadros de libertação.

Na Sede da OUA na Etiópia, o Secretário-Geral Adjunto com responsabilidade administrativa pelo Comité de Libertação quando foi criado pela primeira vez em 1964-1974 era Mohamed Sahnoun, um jovem diplomata destacado pelo seu país, a Argélia, que acabara de conquistar a independência e estava activamente dedicando a sua experiência e apoio à libertação do continente.



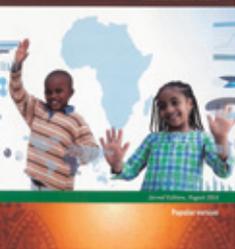
Hashim Mbita

African Liberation Heritage



Mohamed Sahnoun

Mwalimu, Tanzania



A África que Queremos

No 50º aniversário da União Africana, em 2013, os líderes africanos divulgaram a sua visão e plano para o continente -- *Agenda 2063 A África que Queremos*. Esta visão contém sete aspirações voltadas para a cooperação, desenvolvimento e unidade africana, com planos e metas.

AS NOSSAS ASPIRAÇÕES PARA A ÁFRICA QUE QUEREMOS – 1) Uma África próspera baseada no crescimento inclusivo e no desenvolvimento sustentável. 2) Um continente integrado, unido politicamente e baseado nos ideais do Pan-africanismo e na visão do Renascimento de África. 3) Uma África de boa governação, democracia, respeito pelos direitos humanos, justiça e Estado de Direito. 4) Uma África pacífica e segura. 5) Uma África com forte identidade cultural, herança comum, valores e ética. 6) Uma África onde o desenvolvimento é impulsionado pelas pessoas, libertando o potencial das mulheres e jovens. 7) África como um actor e parceiro global forte, unido e influente.

A desunião decorreu do processo de colonização, incluindo o sequestro de africanos da sua terra natal para trabalhar como escravos nas plantações das Américas. Então, na Conferência de Berlim, em 1884-85, as potências europeias traçaram as linhas num mapa da África e dividiram as partes entre si. Os africanos não foram convidados, mas compartilharam o impacto e a resistência.

“Além da escravidão, não há um único evento na história africana moderna cujas consequências tenham sido tão terríveis para o continente quanto a Conferência de Berlim de 1884-85.” *New African*

A “disputa” da Europa pelos recursos africanos foi formalizada em 1885 durante uma reunião em Berlim para definir a parte que cada potência europeia ocuparia usando armas pesadas, já que se engajaram principalmente nas áreas costeiras e nos portos comerciais. Nenhum delegado de África foi convidado a participar, mas teve consequências terríveis e profundas para o continente no presente e no futuro, mais do que qualquer outro evento global, além do comércio transatlântico de escravos que acabou de terminar após 400 anos e foi brutal e no tratamento e no número de pessoas retiradas do continente e no impacto destrutivo, levando à devastação e despovoamento de África, ao mesmo tempo em que contribuiu para a riqueza e o desenvolvimento da Europa e das Américas.

O fim do comércio de escravos foi alcançado através da resistência africana e da pressão económica na Europa, bem como de campanhas humanitárias, e um padrão semelhante foi usado para acabar com o apartheid, que era visto como escravidão moderna. Mas o continente foi esculpido em mais de 50 países, que atravessam nações, geografia, idioma, cultura, famílias e outros factores unificadores, com diferentes idiomas europeus impostos.

“As potências coloniais sobrepuseram os seus domínios no continente africano. Na época em que a África recuperou a sua independência na década de 1960, o reino havia adquirido um legado de fragmentação política que não poderia ser eliminado nem operado de forma satisfatória.” H.J. de Blij e Peter O. Muller citados por Osei Boateng em *New African*, Março de 2010

A África está tentando enfrentar esse desafio agora através da União Africana e das Comunidades Económicas Regionais, como a Comunidade de Desenvolvimento da África Austral, a Comunidade da África Oriental e outras.

Mwalimu Nyerere. E ainda com a História Hoje, a inspiração pode ser extraída da determinação dos fundadores da OUA que tiveram a visão de libertação política, e a visão dos fundadores da SADC de libertação económica. Aqueles que têm idade suficiente para lembrar saberão o que Mwalimu Nyerere quis dizer quando disse - **“Isso pode ser feito, faça a sua parte”**. Uma nova geração está aprendendo porque ele disse isso.



Vannah, 26 anos. Quero inspirar os jovens a se apaixonarem pela sua história e pretendo fazer isso compartilhando através das minhas redes sociais, identificador do twitter e até mesmo participando de discussões, levantando um tópico, pessoal vocês sabem disso se ouvirem essa música conta toda a história até que a luta de libertação seja vencida. Você sabe disso? Eles precisam conhecer essa história, mas não há informações suficientes sobre isso. Então, devemos apenas encontrar uma maneira de fazer com que os jovens se interessem pela nossa história, porque acredito que há muito para contar.



Raymond, 26 anos. A ascensão dos movimentos de libertação na região pode ser percebida como um componente valioso da cultura africana, uma vez que, unidos na diversidade, os povos africanos aproveitaram-se dela para uma visão comum e uma agenda comum para dismantelar um inimigo comum e defender sua identidade africana. A história mostra que é muito mais difícil manter a dominação sobre um povo com forte respeito pela sua cultura. Este projecto contém um reflexo das nossas raízes e dá ecos de unidade e unicidade que existiam no passado, iluminando assim a juventude de que precisamos de voltar às nossas raízes para realizar um futuro comum.



Cheryl, 22 anos. Eu acho que as pessoas realmente precisam saber mais sobre o seu passado e também se pudéssemos...Se o passado da África ou a história da África pudessem ser incorporados às disciplinas centrais obrigatórias, acho que isso mudaria a mentalidade. ...

CONHECIMENTO É PODER

JUVENTUDE na luta de libertação e além

The Africa We Want

EQUIPE DE COORDENAÇÃO DA UNESCO: Charaf Ahmimed, Phinith Chanthalangsy, Yvette Kaboza, Dickson Kasote

PARCEIRO DE COLABORAÇÃO: Munetsi Madakufamba, Executive Director, SARDC

DESENVOLVIMENTO DA PUBLICAÇÃO: Phyllis Johnson, Founding Director and Special Projects, SARDC

EQUIPE DE PUBLICAÇÃO DO SARDC: Tonely Ngwenya, Anisha Madanhi, Tichafa Tongogara, Monica Mtero, Raymond Ndhlovu, Shingirai Bondai, Innocent Chidhoti, Tonderai Mpofo, Cheryl Vengesa, Vannah Makoni, Tayisha Lopes e outros jovens envolvidos nos grupos focais que moldaram este projecto piloto

O SARDC é um centro regional de recursos de conhecimento criado em 1985 por iniciativa dos Estados da Linha da Frente, para recolher, analisar e partilhar informação além-fronteiras, e é agora um parceiro de conhecimento bem estabelecido para a Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC) e dos seus Estados Membros sobre assuntos contemporâneos e históricas. O Patrono Fundador do SARDC foi Mwalimu Julius K. Nyerere, então Presidente dos Estados da Linha da Frente. Os Directores fundadores do SARDC e alguns dos membros do Conselho de Direcção têm conhecimento pessoal do movimento de libertação em toda a região e criaram uma Biblioteca de História no SARDC que contém publicações e documentos relacionados à luta de libertação, que remontam a cerca de 50 anos, incluindo SADCC, SADC, UA, OUA e o Comité de Libertação da OUA.

Algumas fontes úteis para este módulo

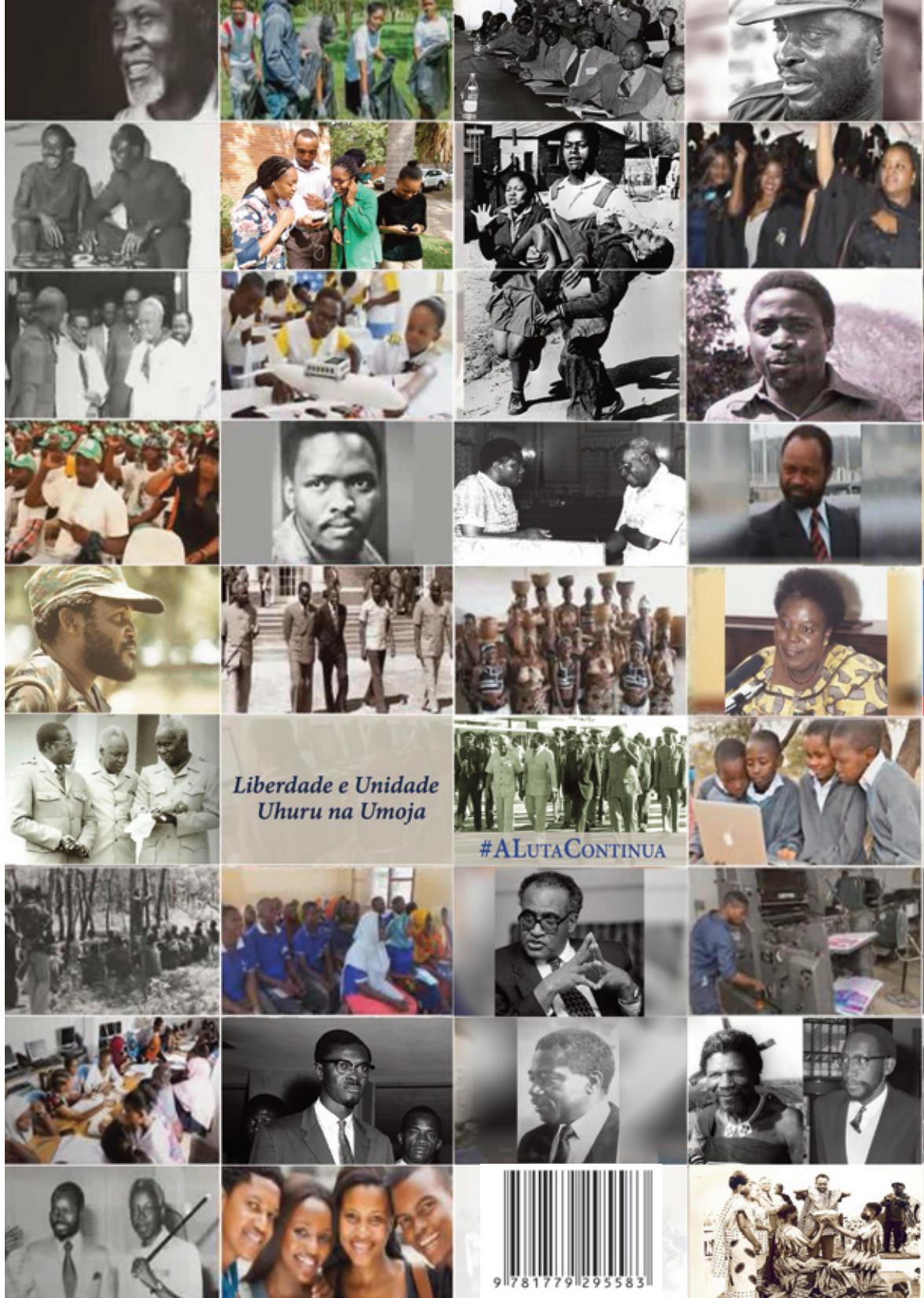
História Geral da África da UNESCO, Volume I – IX; Lutas de Libertação da África Austral, SADC Hashim Mbita Project Vol. 1 – 9. Arquivo e Portal de História SARDC, disponível no Portal www.sardc.net e nas redes sociais; Arquivos da nova revista africana online www.newafricanmagazine.com; História da África do Sul Online www.sahistory.org.za; Arquivo ANC www.ancarchive.org; Arquivo de História da África do Sul www.saha.org.za; Mozambique History Net www.mozambiquehistory.net; Arquivo Histórico de Moçambique; Arquivos do Partido SWAPO; Documentação Nórdica sobre a Luta de Libertação na África Austral www.liberationafrica.se; Programa de Herança da Libertação Africana, Tanzânia

Créditos da foto da capa

Linha 1, arquivos SWAPO; David Martin; Anders Johansson; Ulli Michel -- Linha 2, Meninas não Noivas; MPLA; Universidade de África; Thames TV -- Fila 3, Tshwane Suns -- Fila 4, Agência de Imprensa da Namíbia; Coro Infantil Africano; Maelezo, Tanzânia; Quartz Africa -- Fila 5, comum -- Fila 6, Fundação Higher Life; Arquivos do Partido SWAPO; Fundação Chris Hani; Agência de Imprensa da Namíbia -- Fila 7, SADC; Eskom; Angop -- Fila 8, Arquivo Nacional, Holanda; Lisa Jamu -- Linha 9, Maelezo, Tanzânia; Youthvillage.co.za; Maelezo, Tanzânia

Linha 1, Museu Luthuli; Universidade de África; thepatriot.co.zw; ZANLA -- Linha 2, Maelezo, Tanzânia; África Media Online; Fundação Sam Nzima; Midlands State University -- Linha 3, SADC; Fundação Airbus; ZIPRA -- Linha 4, Southern Times; Fundação Steve Biko; Maelezo, Tanzânia; Arquivo Histórico de Moçambique -- Linha 5, Arquivos do Partido Swapo; SADC; Tariro, tariro.org; ONU --Linha 6, Embaixada da Zâmbia em Berlim; SADC; comuns -- Linha 7, Sunday Mail; VSO Tanzânia; Maelezo Tanzânia; niras.com -- Linha 8, Quartzo África; Foto da ONU/MB; weforum.org; pinterest; comuns -- Linha 9, Maelezo Tanzânia; Youthvillage.co.za; Maelezo, Tanzânia

As permissões foram solicitadas aos detentores dos direitos autorais, mas se alguma for perdida, entre em contato com o SARDC



*Liberdade e Unidade
Uhuru na Umoja*

#ALUTA CONTINUA

9 1781779 295583